



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

MARIA EDUARDA BEZERRA LACERDA

**SEXISMO EM CAMPO E NA ARQUIBANCADA: VIVÊNCIAS
DE ATLETAS E TORCEDORES/AS DA PARAÍBA**

JOÃO PESSOA-PB

2022

MARIA EDUARDA BEZERRA LACERDA

**SEXISMO EM CAMPO E NA ARQUIBANCADA: VIVÊNCIAS DE
ATLETAS E TORCEDORES/AS DA PARAÍBA**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Educação Física da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Educação Física.

Orientador: Prof Dr. Luciano Leonidio

JOÃO PESSOA-PB

2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L131s Lacerda, Maria Eduarda Bezerra.

Sexismo em campo e nas arquibancadas : vivências de atletas e torcedores da Paraíba / Maria Eduarda Bezerra Lacerda. - João Pessoa, 2022.

105 f. : il.

Orientação: Luciano Flavio da Silva Leonidio.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCS.

1. Sexismo. 2. Futebol Paraibano. 3. Torcedores. 4. Atleta. I. Leonidio, Luciano Flavio da Silva. II. Título.

UFPB/CCS

CDU 177.5:57.017.4(043.2)

MARIA EDUARDA BEZERRA LACERDA

**SEXISMO EM CAMPO E NA ARQUIBANCADA: VIVÊNCIAS DE ATLETAS E
TORCEDORES/AS DA PARAÍBA**

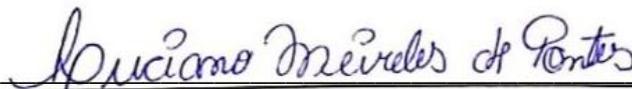
Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Educação Física da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Educação Física.

Aprovada em: 06/07/2022

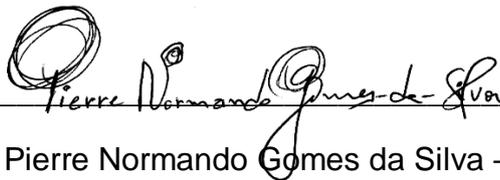
BANCA EXAMINADORA



Orientador Prof. Dr. Luciano Flavio da Silva Leonidio - UFPB



Prof.Dr. Luciano Meireles de Pontes - UFPB



Prof. Dr. Pierre Normando Gomes da Silva – UFPB

*À minha avó Lêda (in memoriam). Com
todo amor, gratidão e muitas saudades.
Dedico.*

Agradecimentos

Dele, por Ele e para Ele são todas as coisas. A Ele seja a glória para sempre, amém! Ele me fez estar aqui, agora, desse jeito.

Digo obrigado ao meu Senhor por ser quem sou, por conhecer quem conheci, por ter amado quem me amou, por ter vivido o que vivi e sim, obrigado Senhor por ter mais gente por mim do que contra mim. (PROJOTA- Pra não dizer que eu não falei do ódio)

Eu sei que toda glória vai ser dada a Deus mas não posso esquecer daquele que me deu a mão. DAQUELES, porque foi mais de um, sem ELES, lugar nenhum. (LENON- Gratidão)

À minha mãe Stherfania, meu alicerce de sempre, minha conselheira, minha amiga. Por matar um leão a cada dia e ter me feito acreditar que posso fazer tudo o que quiser. Por querer anular sua dor, seus traumas e preocupações só para me colocar no colo quando preciso e quando não, também.

Ao meu pai Joaldo, pelo exemplo diário, sustento em todas as formas. Por ter mudado por nós e amolecido com o tempo mesmo tendo uma criação dura. Por ter me ensinado o caminho certo em tudo. Por falhar ao tentar me fazer torcer pelo time numérico. (Graças a Deus)

À minha irmã Evilyn por ser assim do jeito dela... Pelos forrós dançados e a finalização com agradecimentos a um público que nem existe. Pelas fofocas, por confiar em mim, dividir ansiedades e memes que só a gente acha graça.

À vovó Leda, que se foi, mas nunca nos deixou. Pelo amor, conversas, exemplo, carões, preocupações. Pelas minhas coçadas, cheiros na cabeça, carinho nas costas e pelo abraço miúdo que era o maior de todos. Pelo interesse em qualquer coisa que eu falasse, dividir aflições sem nem saber quais eram. Por nos ensinar e acalantar até quando é o motivo da dor, mesmo sem estar mais aqui.

Ao meu vô Tôta, que virou estrelinha quando eu ainda era menina, mas jamais foi esquecido. É uma honra perceber que sua trajetória tão bonita como professor se passou na escola em que eu trabalho e dar aula no campo que tem seu nome. Eu queria que estivesse aqui para ver tudo isso.

Naquela mesa ele sentava sempre e me dizia sempre o que é viver melhor. Naquela mesa ele contava histórias que hoje na memória eu guardo e sei de cor. (...) Eu não sabia que doía tanto uma mesa num

canto, uma casa e um jardim. Se eu soubesse o quanto dói a vida essa dor tão doída não doía assim. (...) Naquela mesa 'tá faltando ele e a saudade dele 'tá doendo em mim. (Nelson Gonçalves- Naquela mesa)

Ao meu companheiro Edson, pela compreensão, ajuda meio ao caos, sempre com muito amor. Por me escolher, dividir a vida e me trazer aquele frio na barriga do início do namoro todos os dias. Por me ensinar a viver leve e valorizar cada momento. Se transformar no melhor homem todos os dias, me fazer feliz, estar presente sempre calmo e ser próton quando eu sou elétron.

Um anjo que caiu do céu e cruzou meu caminho, dívida do meu senhor - que não me abandonou e me deu você, pra eu nunca mais caminhar sozinho. (DELLACRUZ, 2020)

Que o amor existia, eu já sabia, eu já queria, eu desejava, sonhava tanto, tanto um dia ter um amor como você. Pra amar todo dia, ter a sua companhia, outra metade. (Zé Vaqueiro, 2020)

À mainha, Evilyn e Edson pelas distrações, jantares, momentos engraçados e até pelo rancor das noites de jogos: petelecadas, dado que só dá 6 ou 1 nas partidas de ludo, nas quadradas e lá e lô do dominó.

Aos Atletas, às torcidas: Império Alvinegro, TJB, Setor 31, Jovem Naça, TUF, TORA, Facção Jovem, TJG. Aos torcedores independentes do: Botafogo-PB, Treze F.C., Campinense, Nacional de Patos, Sousa, Atlético Cajazeirense e Esporte Lagoa Seca, todos/as que permitiram a concretização desta pesquisa.

Ao meu orientador Luciano Leonidio - o alvirrubro mais botafoguense que existe, pela amizade e apoio.

A todos os professores do DEF, em especial: Marcello Bulhões - pelos puxões de orelha; Luciano Meirelles – por ter insistido e acreditado em mim no TCC I; Melina Alves, Matheus Finco - pelas vivências do estágio ainda na licenciatura; Pierre Normando – por me ajudar a compreender o que é ser professor.

Minhas amigas Niny e Mari pelas palavras e por tornarem os dias na universidade mais fáceis. Carolzinha, Lu Meirelles, Lu Felix, Lane e as meninas da academia do Sesi que fizeram parte da minha primeira vivência em academia: Anjinha, Ró, Karol, Rosa, Rosinha, Joelma, Jocelma, Janete Andrea, Aninha, Arlene e tantas outras.

À dona Isabel Dias, cozinheira da Cnec que se revelou cordelista e me presenteou no fim de uma aula esgotante (05/04/2022):

Faz tempo

Faz tempo que eu não via a quadra tão enfeitada de meninos e meninas jogando uma pelada. Quem perde fica triste, quem ganha dá risada.

Dois anos se passaram e nada de bola no chão. A quadra pra lá de vazia, era aquela solidão. Hoje quem estava triste sorria no meio da multidão.

Faz tempo que eu não via a quadra tão enfeitada. A bola de pé em pé e os alunos dando risada. E eu, só aqui lembrando a minha infância, chutando bola quadrada.

Aos meus alunos, por me fazerem professora.

“Essa menina fica em tempo de morrer assistindo esses jogos. Deixa de coisa! Quanto é que tá aí, o botafogo ta ganhando?” (Dona Lêda, 2021)

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise sobre a presença de estereótipos sexistas entre torcedores/as e atletas paraibanos. O objetivo é compreender de que forma questões relacionadas ao gênero e estratificação social se manifestam nesse público. Caracterizada como uma pesquisa de natureza qualitativa, com tipologia descritivo-explicativa e recorte temporal transversal, teve como universo: 14 atletas e 50 torcedores do futebol paraibano, divididos igualmente por sexo. Nesta pesquisa, os/as atletas expuseram as perspectivas, bem como as experiências advindas da prática do futebol profissional, as quais foram associadas com as vivências dos/as torcedores/as investigados/as. Os dados deste estudo foram obtidos por meio de dois questionários e analisados através da técnica de análise de discurso. Os relatos dos sujeitos apontaram possíveis causas sexistas que levam à resistência e/ou ausência feminina nessa modalidade, e de forma conseguinte, tornaram-se base para a produção desse trabalho. Neste estudo, foi possível identificar que a cultura machista ainda persiste no estado. A falta de apoio socioafetivo para as mulheres, bem como os enfrentamentos sociais vivenciados por elas, além da hegemonia masculina na modalidade, foram alguns dos fatores que evidenciaram tal quadro. Além disso, o preconceito, a masculinização e demais estereótipos, foram naturalmente atribuídos às mulheres inseridas no futebol apenas por jogar ou gostar da modalidade. Através da explanação dos resultados obtidos, objetivamos contribuir com novas visões sobre o futebol paraibano, sobretudo referente à presença feminina nas arquibancadas ou nos gramados. Além disso, almejamos provocar uma reflexão crítica aos atletas e torcedores sobre as razões do sexismo nesse âmbito, bem como nas possíveis mudanças de conduta para acabar com essas tensões.

Palavras Chave: Sexismo; Futebol Paraibano; Torcedores; Atletas; Futebol feminino.

ABSTRACT

This work presents an analysis of the presence of sexist stereotypes among fans and athletes from Paraíba. The objective is to understand how issues related to gender and social stratification are manifested in this audience. Characterized as a qualitative research, with a descriptive-explanatory typology and transversal temporal cut, it had as a universe: 14 athletes and 50 football fans from Paraíba, divided equally by sex. In this research, through two questionnaires, the athletes exposed the perspectives, as well as the experiences arising from the practice of professional football, which were associated with the experiences of the investigated fans. Data from this study were obtained through two questionnaires and analyzed using the technique of discourse analysis. The subjects' reports pointed out possible sexist causes that lead to female resistance and/or absence in this modality, and consequently, became the basis for the production of this work. In this study, it was possible to identify that the sexist culture still persists in the state. The lack of socio-affective support for women, as well as the social confrontations experienced by them, in addition to the male hegemony in the modality, were some of the factors that evidenced this situation. In addition, prejudice, masculinization and other stereotypes were naturally attributed to women who were involved in soccer just for playing or enjoying the sport. Through the explanation of the results obtained, we aim to contribute with new visions about football in Paraíba, especially regarding the female presence in the stands or on the lawns. In addition, we aim to provoke a critical reflection among athletes and fans about the reasons for sexism in this context, as well as possible changes in conduct to end these tensions.

Keywords: Sexism; Paraíba Football; fans; athletes; Women's football.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Caracterização por grau de escolaridade de atletas e torcedores paraibanos.....	37
Gráfico 2. Renda dos/das atletas paraibanos (as)	43
Gráfico 3. Patrocínio aos/às atletas paraibanos (as).....	44
Gráfico 4. Tempo de atuação no futebol profissional (anos)	46
Gráfico 5. As 25 palavras mais mencionadas pelos sujeitos investigados	49
Gráfico 6. Preconceito de mulheres com jogadoras/torcedoras	54
Gráfico 7. Qual sexo é mais preconceituoso?	55
Gráfico 8. Apoio Socioafetivo	57
Gráfico 9. Frequência de ida aos estádios por sexo	66
Gráfico 10. Onde estiver estarei.....	67
Gráfico 11. Companhias para torcer nos estádios	68
Gráfico 12. Discriminação por gostar de futebol.....	72
Gráfico 13. Preconceito por gostar de futebol	73
Gráfico 14. Incentivo para ir aos estádios	75

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Identidade de Gênero (Torcida).....	40
Quadro 2. Identidade de Gênero (Atletas).....	40
Quadro 3. Comissão, Locais e Materiais de Treino.....	47
Quadro 4. Categorias e códigos de recorrência.....	48

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1. Confederações Continentais.....	21
Imagem 2. Diário da Tarde(Abril, 1940).....	24
Imagem 3. O imparcial	24
Imagem 4. Correio Paulistano (Maio, 1940).....	24
Imagem 5. Diário da Manhã.....	24
Imagem 6. Charge Craque - Junião.....	25
Imagem 7. Distribuição do local de nascimento dos torcedores	39
Imagem 8. Distribuição do local de nascimento dos atletas	39
Imagem 9. Charge futebol feminino	52
Imagem 10. Charge ser atleta é o pódio.....	57
Imagem 11. Times Paraibanos e sua distribuição por mesorregião	61
Imagem 12. Sou paraibano e tenho time para torcer.....	62
Imagem 13. Influência familiar na escolha do time	63
Imagem 14. Torcida Botafoguense.....	64
Imagem 15. Torcida Trezeana.....	64
Imagem 16. Identificação com a história do clube	65
Imagem 17. Direito de torcer	71

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

FC- Futebol Clube

MS- Mato Grosso do Sul

PB- Paraíba

PE- Pernambuco

PR- Paraná

RJ- Rio de Janeiro

RN- Rio Grande do Norte

RS- Rio Grande do Sul

SM- Salário Mínimo

TCLE- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TO- Tocantins

TO's- Torcidas Organizadas

UFPB- Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 OBJETIVOS	18
2.1 OBJETIVO GERAL	18
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	18
3. MARCO TEÓRICO	19
3.1 AS RELAÇÕES DE GÊNERO E O SEXO NO ESPORTE	19
3.2 MEMÓRIAS FUTEBOLÍSTICAS	20
3.3 PELOS GRAMADOS BRASILEIROS	21
3.3.1 <i>O país do futebol, mas não para as mulheres</i>	23
3.4 O FUTEBOL PARAIBANO	26
3.4.1 Paraíba Masculina, “Muié macho, sim sinhô”	26
3.5 O 12º JOGADOR	27
3.5.1 Torcida: substantivo feminino	28
3.6 ESTEREÓTIPOS, SEXISMO E SORORIDADE	29
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	31
4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	31
4.1.1 <i>Pesquisa de Natureza Qualitativa</i>	31
4.1.2 <i>Tipologia descritivo-explicativa</i>	31
4.1.3 <i>Recorte temporal transversal</i>	32
4.2 UNIVERSO E SUJEITOS DA PESQUISA	32
4.3 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO	32
4.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DOS DADOS	33
4.5 PROCEDIMENTOS PARA COLETA DOS DADOS	33
4.6 CONFIGURAÇÃO DA ANÁLISE DOS DADOS	34
4.7 ASPECTOS ÉTICOS	34

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	36
5.1 PERFIS DOS SUJEITOS ANALISADOS	36
5.1.1 <i>Idade dos sujeitos da pesquisa</i>	36
5.1.2 <i>Grau de Escolaridade</i>	37
5.1.3 <i>Local de Nascimento</i>	39
5.1.4 <i>Identidade de Gênero</i>	40
5.1.5 <i>Atletas: Renda e Apoio de patrocinadores</i>	43
5.1.6 <i>Tempo de Atuação no Futebol</i>	45
5.1.7 <i>Profissional ou amador? Locais de treino, materiais e comissão</i>	46
5.2 CATEGORIAS E CÓDIGOS DE ANÁLISE DO DISCURSO	47
5.3 CATEGORIA SEXISMO: ANACRONISMO FUTEBOLÍSTICO	49
5.3.1 <i>Código Masculinização das atletas</i>	49
5.3.2 <i>Código A cultura machista e as jogadoras</i>	51
5.4 CATEGORIA O JOGAR FEMININO	52
5.4.1 <i>Código O preconceito entre sexos</i>	53
5.4.2 <i>Código mulher macho x mulher feminina</i>	55
5.5 CATEGORIA ATLETAS ALÉM DOS 90 MINUTOS	56
5.5.1 <i>Código Apoio socioafetivo</i>	57
5.5.2 <i>Código Enfrentamento social e financeiro</i>	58
5.6 CATEGORIA A GRANDEZA DE TORCER POR UM TIME PEQUENO	59
5.6.1 <i>Código Sou Paraibano (a) e meu time também</i>	61
5.6.2 <i>Código Influência familiar</i>	62
5.6.3 <i>Código Amor, paixão</i>	63
5.6.4 <i>Código Identificação com a história do clube</i>	64
5.6.5 <i>Código Idas ao estádio</i>	65
5.7 CATEGORIA TORCIDA: SUBSTANTIVO FEMININO	68
5.7.1 <i>Código Sexismo na torcida</i>	69

5.7.2 Código masculinização/ sexualização da torcida.....	71
5.7.3 Código Participações femininas: Omissão dos clubes e da mídia	73
5.7.4 Código O torcer e o Apoio socioafetivo.....	74
5.7.5 Código Hostilidade ecoada nos estádios	76
5.7.6 Código As mulheres machistas e a carência de sororidade feminina.....	78
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
7. REFERÊNCIAS.....	82
APÊNDICES	90
APÊNDICE I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	91
APÊNDICE II – QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AOS ATLETAS.....	93
APÊNDICE III –QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AOS TORCEDORES.....	96
ANEXOS	99
ANEXO I - CERTIDÃO DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA	99
ANEXO II – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA.....	100

1. INTRODUÇÃO

O futebol desperta grande paixão no povo brasileiro, mesmo com origem distante e inexata. A fácil inserção na cultura esportiva brasileira bem como a hegemonia no cenário competitivo, rendeu a perífrase: país do futebol. Entretanto, mesmo com a evolução global do âmbito esportivo, falar de futebol feminino ainda é sinônimo de resistência, preconceitos e estereótipos. Apesar da popularização do desporto nas diversas dimensões culturais, ao discutir as temáticas do esporte, é notório o desmerecimento do papel feminino no universo futebolístico, seja atleta ou torcedora. (DUNNING, 2014).

A realidade histórica da inserção da mulher no esporte remete a falta de oportunidades, acesso e visibilidade. Além disso, as relações de poder atribuídas aos sexos divergem ora como atletas ou torcedores/as, ora nas federações, administrações e gestões desportivas que independem da modalidade. A escolha de adentrar em um ambiente culturalmente masculino ocasiona muitos preconceitos pelo esporte escolhido, seja pelas vestimentas da modalidade ou até mesmo pelo seu modo de agir. (SILVA, 2017).

Comparar o suporte e incentivo destinado à prática corporal entre os sexos na educação física escolar, lazer ou no esporte de alto rendimento, é evidenciar desproporção. Nesse sentido, Calheiro (2018) relata que enquanto os homens têm espaço profissional, físico e cultural amplos, as mulheres tinham e têm sua atuação mais limitada à vida familiar ou doméstica. O preconceito e a atribuição desses papéis sexistas pela sociedade são razões para as mulheres desistirem de imergir no ambiente esportivo. Pois, para Wolf (2017), a busca da feminilidade é apresentada como o caminho mais importante de aceitação e sucesso para as mulheres em nossa cultura.

O anseio das mulheres de ir a um estádio torcer pelo seu time de coração, ou o sonho de ser jogadora de futebol é continuamente ofuscado por pressões sociais que definem padrões de gênero comportamentais. De forma que ainda no século XXI, grande parte da população pressiona decisões a serem tomadas pelas mulheres: seus gostos, comportamentos, locais a frequentar ou características físicas, tomando como base critérios de feminilidade preconceituosos. Historicamente, a presença feminina no ambiente desportivo sempre foi marcada por

impasses e negações, bem como por lutas, resistências e crescente conquista de espaço. (TORGA, 2019).

As jogadoras de futebol sempre enfrentaram a discriminação social, pois, por possuir características fisiológicas diferentes das masculinas, eram julgadas como incapazes de praticar o mesmo o esporte que o sexo oposto. Nos casos em que as habilidades eram inegáveis ou que a característica corporal e comportamental caracterizava bem o esporte, atribuía-se a extinção da postura feminina, que por se tornar masculinizada para os parâmetros sociais, surgia o estereótipo de homossexualidade para as praticantes. (ALTMANN, 2015).

O futebol é conhecido como um universo demarcado pelo masculino com predominância heterossexual. Assim, o fato de acompanhar ou praticar o esporte fomentou uma ideia de que esse seria pouco recomendado e nada adequado para as mulheres. Entretanto, com a inserção e luta feminina, houve o aumento da participação ativa nas torcidas, originando um novo público que acompanha e consome o esporte. Apesar da crescente imersão feminina nesse âmbito, o predomínio machista rotula e desrespeita essa representatividade como torcedora. (TORGA, 2019).

Este estudo é estimulado pela relação entre o futebol feminino, o sexismo e a hegemonia masculina. A temática em questão reflete a autoria de uma nordestina que se reconhece como uma torcedora fanática - conforme as descrições do autor Eduardo Galeano em seu livro futebol ao sol e à sombra - que, por ser mulher, vivencia estereótipos e preconceitos desde criança. Partindo desse pressuposto, a investigação em questão, busca o entendimento de como se apresenta a categoria dos estereótipos sexistas nas torcidas e atletas de times da série A do futebol paraibano.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar a presença de estereótipos sexistas nos torcedores e atletas de futebol paraibanos.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar os aspectos socioeconômicos culturais dos sujeitos da pesquisa;
- Compreender as questões relacionadas ao gênero entre atletas e torcedores de ambos os sexos;
- Descrever ocorrências de gênero e estratificação social existentes tanto em campo como na torcida.

3. MARCO TEÓRICO

3.1 AS RELAÇÕES DE GÊNERO E O SEXO NO ESPORTE

O conceito de gênero foi formulado em 1970 e teve influência direta do pensamento feminista. A análise sobre esta perspectiva nos remete a uma dimensão majoritariamente social, porém, não é pretensão deste estudo negar que o gênero se constitui com ou sobre os corpos sexuados, não é possível negar a biologia, porém, é colocada em foco as construções históricas – que são sociais – produzidas sobre características biológicas (LOURO, 1997)

Falar sobre gênero no esporte e sobre igualdade de direitos é algo amplo e complexo. Historicamente, aquilo que é diferente do masculino e da heteronormatividade sofre com a naturalização do preconceito. No que se refere ao alto-rendimento esportivo, essa questão da sexualidade está explícita desde o lema olímpico, que tem apenas o homem como referência: *altius-citius-fortius* - o mais alto, o mais rápido e o mais forte. (GROSSI, 2020).

Discorrer sobre gênero para Leite (2019) é pensar no corpo “mais como uma variável do que uma constante”, como construção cultural sobre as diferenças percebidas entre os sexos. Fenômenos culturais originam aquilo que é certo ou errado, logo, tudo que não se enquadra nesse padrão é excluído. A pessoa do sexo feminino, muitas vezes é considerada incapaz, principalmente características emocionais, além de viver numa constante luta por independência e reconhecimento no meio social. (LEITE, 2019)

O termo sexo diz respeito à identidade biológica dos indivíduos, é utilizado na identificação das características anatômicas que diferenciam os homens das mulheres e vice-versa. Discussões cercam o uso e o enquadramento sexual binário dos sujeitos, pois para muitos e muitas esta distinção biológica binária serve para compreender e justificar a desigualdades sociais. Sexualidade e gênero são percebidos por vários sujeitos, como quase sinônimos, em que as ações correspondentes a um termo, influenciam diretamente no outro. (GOELLNER, 2010).

O sexo biológico surgiu como único e posteriormente foi dividido através de concepções científicas, filosóficas ou religiosas: um com o órgão sexual externo ao corpo e outro na parte interna por falta de energia vital ou vigor: o sexo feminino. Apesar dos conhecimentos não coincidirem temporalmente, de forma retrógrada,

essa diferença física passa a ser significativa ainda hoje daquilo que é forte ou fraco, ativo ou passivo e nos demais aspectos bem como funções sociais a serem atribuídas por sexo. (MONTEIRO & SOARES, 2019)

Infringir esses estereótipos sociais pressupõe a distorção da identidade de gênero e da sexualidade. Por um lado, meninas têm sua identidade de gênero questionada se praticam futebol, por outro, meninos são quase obrigados a gostar de futebol, há uma “pressão social” para que pratiquem, ou não, essa modalidade (VIANNA, 2009, p.278).

Nesse meio desportivo, especialmente no futebol, o preconceito, os bloqueios discriminatórios e a ignorância sobre o papel feminino no esporte, ainda é uma ocorrência muito comum de ser testemunhada. Independente do aumento participativo na maioria das modalidades, o cenário ainda é interposto por princípios masculinos, no qual ser mulher é sinônimo de vulnerabilidade a discriminações e estereotipagens. O ciclo opressor-sexista é reproduzido em campo – através da desigualdade seja de renda, incentivos ou espectadores entre as equipes femininas e masculinas de futebol - e também nas arquibancadas – nos casos de assédio e desrespeito em geral (GROSSI, 2020).

3.2 MEMÓRIAS FUTEBOLÍSTICAS

O primeiro registro de jogo similar ao futebol do qual se tem conhecimento é chinês e data 3000 a.C. Entretanto, os registros históricos apontam evidências da prática de esportes semelhantes ao futebol por japoneses, egípcios, gregos, romanos e mexicanos. Além disso, o jornalista uruguaio Eduardo Galeano (2013) traz relatos da prática de futebol na Inglaterra durante a idade média, a qual teria sido proibida pelos reis Eduardo III, Henrique IV e Henrique VI. (GALEANO, 1995)

O futebol moderno surgiu no século XIX, em outubro de 1863, quando representantes ingleses de 11 clubes fundaram a *football association* em Londres e unificaram as regras do jogo. A fundação dessa associação aconteceu quando os clubes gostariam de praticar outro esporte que não usasse as mãos para conduzir a bola. Após isso, o futebol se espalhou pelas escolas e universidades inglesas, onde existiam vários estilos, espaços e dimensões de jogos, quantidade de jogadores e estruturas (SANTOS, 1994 *apud* GALEANO, 2013).

Com o passar do tempo houve a evolução da modalidade que passou por uma série de mudanças ao longo do século XIX como a presença do goleiro e arbitragem, cobrança de lateral com as mãos e a criação de pênaltis e faltas. A disseminação do esporte pela Europa resultou no surgimento da FIFA – Federação Internacional de Futebol. As regras são responsabilidade da FIFA e de um comitê com oito integrantes denominado IFAB - *International Football Association Board*. (FIFA, 2013).

Em parceria com a FIFA, existem 209 federações nacionais masculinas e 129 federações femininas, além de seis confederações continentais responsáveis por organizar competições: UEFA - União das Associações Europeias de Futebol; CONCACAF- Confederação de Futebol da América do Norte, Central e Caribe; CONMEBOL- Confederação Sul-Americana de Futebol; AFC- Confederação Asiática de Futebol; CAF- Confederação Africana de Futebol e a OFC- Confederação de Futebol da Oceania.

Imagem 1. Confederações Continentais



Fonte: Wikipédia

3.3 PELOS GRAMADOS BRASILEIROS

Brasil está vazio nas tardes de domingo né? (...) Brasil é só futebol, Noventa minutos de emoção e alegria. Esquece a casa e o trabalho, a vida fica lá fora. E tudo? Fica lá fora. Inferno? Fica lá fora. As dores? Ficam lá fora. (Milton Nascimento, 1970)

A história do futebol brasileiro tem início oficialmente com o esportista Charles Miller no século XIX, quando as primeiras bolas e uniformes chegaram em 1894 para a realização de jogos que envolviam sócios do São Paulo *Athletic Club*. Para alguns pesquisadores, a prática de se jogar bola já existia no interior de São Paulo na cidade de Itu. Outros acreditam que brasileiros podem ter jogado contra marinheiros estrangeiros de vários países, por todo litoral brasileiro. Entretanto, desde os tempos

da Colônia, os colégios jesuítas já realizavam os primeiros jogos de futebol acontecidos no Brasil (ALVES E GARCIA, 2000 *apud* CASTRO, 2019).

De origem européia, o futebol surge como esporte nobre e exclusivo da elite brasileira, praticava-se para modernizar o corpo através de competições (DAMATTA, 2006). Em 1941, os clubes foram vinculados ao governo federal pelo então presidente Getúlio Vargas e, de forma concomitante, foi fundado o CND- Conselho Nacional de Desportos, conforme menciona Lever (1983):

(...) com o objetivo expresso de orientar, financiar e estimular a prática do esporte em todo o Brasil. O CND tem supervisionado o esporte brasileiro através de diversas organizações, inclusive o Comitê Olímpico Brasileiro, a Comissão de Esportes das Forças Armadas, a Comissão de Esportes Universitários e a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) – hoje CBF, para o futebol (LEVER, 1983, p. 84).

A inserção do futebol no cenário cultural e identitário do Brasil ocorre de forma exponencial, tanto que Castro (2019, p.26) relata que “há a língua comum, o catolicismo intenso e a herança de mistura cultural, mas, ao se perguntar para os brasileiros o que melhor representa a sua cultura, nas respostas de alguns estará a palavra: o futebol”, o brasileiro joga, torce, se apaixona e se orgulha. Pelo futebol o povo aprendeu que pode vencer ausências políticas e seus problemas sem salvacionismos religiosos ou ideológicos (CASTRO, 2019).

É, pois, o futebol que engendra essa cidadania positiva e prazerosa, profundamente sociocultural, que transforma o Brasil dos problemas, das vergonhas e das derrotas, no país encantado das lutas, da competência e das vitórias. Uma coletividade que pode finalmente contar com suas próprias forças e talento (DAMATTA, 2006, p. 124).

Apesar dessa característica social mais pobre, Rosenfeld (2013) relata que o futebol só imerge nas periferias por volta do ano de 1900 com o surgimento das *peladas* – denominação atribuída aos campos de futebol descuidados que arrancavam os pêlos dos jogadores. Posteriormente, o Brasil passou pelo processo de industrialização onde a burguesia acreditava que se imitasse hábitos de países desenvolvidos, se tornaria igual. Assim também acontecia nos subúrbios: ter as mesmas vivências que um rico da época era como se tornar rico (MONTEIRO, 2017).

As primeiras equipes apareceram compostas pela elite social da época, mas times como a Ponte Preta, Corinthians e o Vasco da Gama, surgem como exceções

e iniciam a disseminação do futebol por toda população brasileira: os três não pertenciam a colégios, fábricas ou clubes e o último era composto por negros, mulatos e pobres. Esse fato incomodou dirigentes e torcedores que tentavam manter o esporte elitista, branco e ainda preso à tradição britânica. (DAÓLIO, 2005).

A facilidade de jogar futebol também foi fator propulsor da popularização. As regras são de fácil compreensão, a bola é o único material obrigatório e qualquer local pode servir para a prática. Mesmo não sendo a única modalidade com facilidade de acesso da época, o futebol foi o esporte que mais se popularizou. (DAÓLIO, 2005).

Somado aos filmes com protagonistas jogadores, músicas de futebol, tempo de programas televisivos nessa temática, aconteceram avanços nas tecnologias que tornaram o mundo ainda mais globalizado. O futebol não saiu de moda, se manteve presente nas redes sociais e no comércio – através da venda de camisas de times, materiais esportivos como chuteiras, luvas, caneleiras – além dos produtos que os jogadores têm sua imagem associada. (BRILHANTE e TORRESILHAS, 2021).

3.3.1 O país do futebol, mas não para as mulheres

As conquistas das lutas históricas feministas são inegáveis, e as relações estabelecidas no mundo do futebol também formam esse progresso. Por ser um reduto esportivo e sociocultural masculino, o futebol produz e carrega consigo valores. Acreditava-se que esses desapareceriam com a imersão feminina e a virilidade do esporte foi/é transformada em sexismo: “futebol é coisa para macho”. (FRANZINI, 2005)

Porém, avanços e retrocessos se misturam: enquanto em 1930 as mulheres conquistaram o sufrágio no Brasil, em 1940 a prática esportiva foi proibida. Isso se justifica porque consideravam a prática de futebol – entre outros esportes – como uma ameaça ao corpo feminino, que como relembram Batista e Devede (2009), era um espaço que demandava cuidados e deveria ser protegido, pois de lá que sairiam os futuros brasileiros. Acreditava-se ainda que existiam correlações entre doenças como o câncer e as praticantes de futebol feminino. Além disso, a mulher era vista como ser frágil demais, que não suportava o contato que a modalidade exigia. Essa proibição à prática está expressa nas imagens dos antigos jornais da época:

Imagem 2. Diário da Tarde (Abril, 1940)

**"PE' DE MULHER NÃO FOI FEITO
P'RA SE METTER EM SHOOTERAS!"**
AS PARTIDAS FEMININAS NÃO FIGURAM NOS DISPOSITIVOS LEGAIS --
OPORTUNAS DECLARAÇÕES DE IGUESIL MARINHO, ASSISTENTE TÉCNICO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Fonte: www.dibradoras.uol.com.br

Imagem 3. O imparcial (Maio, 1940)

Proibidas as mulheres de jogar futebol

O Conselho Nacional de Esportes aprovou as conclusões do general Newton Cavalcanti — Atividades esportivas que são permitidas ou vedadas ao sexo feminino, no país

Fonte: www.dibradoras.uol.com.br

Imagem 4. Correio Paulistano (Maio, 1940)

**MULHERES JOGAVAM FUTEBOL,
A' NOITE, NO FIM DA LINHA DE LOURDES**
O guarda prendeu as jogadoras e o seu treinador. — Uma conseguiu escapar e trancar-se em casa

Fonte: www.dibradoras.uol.com.br

Imagem 5. Diário da Manhã (Setembro, 1940)

S. Paulo assiste, pela primeira vez, a uma partida de futebol feminino

O INTERESSE QUE ESSA NOVIDADE DESPERTOU — UM FUTEBOL DE TÉCNICA APRECIÁVEL — JOGADORAS DE BONS RECURSOS — CONSEGUIRÁ FIRMAR-SE EM NOSSO PAÍS O FUTEBOL FEMININO? — OUTRAS NOTAS



Fonte: www.superesportes.com.br

Quando os avanços na prática de futebol pareciam ser duradouros, em 1965 o governo militar publica novamente o decreto de proibição. Dessa vez, de forma mais detalhada no decreto – Lei Nº 3.199, Artigo 54:

"Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país."

Apenas após o fim da ditadura militar, na década de 70, a proibição do futebol para mulheres acabou. Mesmo autorizadas a jogar havia a resistência dos clubes e os investimentos eram escassos e apesar das grandes conquistas nas últimas décadas, a presença feminina nos gramados ainda busca sua afirmação, a carência de investimentos perdura. É notório que o futebol feminino ainda não possui o mesmo reconhecimento do masculino, nem valor da mídia, contudo, as mulheres estão cada vez mais participativas nas competições, atuando nos clubes, jogando nas ruas e escolas. (SOUZA, 2011)

Ao se consolidar, as partidas femininas esbarram no machismo com foi o caso do Campeonato Paulista de 2001, no qual um dos pontos de marketing era a realização de ações que ressaltassem a beleza e a sensualidade da jogadora com a finalidade de atrair o público masculino, em palavras diretas: shorts curtos, cabelos

longos e maquiagem. Outra situação ocorreu em um jogo Remo x Paysandu, as líderes de torcida do Paysandu faziam uma manifestação pedindo mais respeito às mulheres que vão aos estádios. Mas, nada impediu que os torcedores do Remo cantassem músicas que denegriam as mulheres. (Portal online o liberal, 2017)

O futebol feminino brasileiro ainda não ganhou espaços de visibilidade equivalentes ao futebol masculino, ou mesmo ao futebol feminino em outros países. Entre impasses, estereótipos, expansões e refluxos, a crescente valorização à essa prática, pode ser atestada através do crescente público nos estádios para acompanhar as partidas, bem como na conquista da igualdade entre os sexos nos valores pagos pela CBF:

“Desde março deste ano, a CBF fez uma igualdade de valores em relação a prêmios e diárias entre o futebol masculino e feminino. Ou seja, as jogadoras ganham a mesma coisa que os jogadores durante as convocações. Aquilo que eles recebem por convocação diária as mulheres também recebem. Aquilo que elas vão ganhar pela conquista ou por etapas das Olimpíadas ano que vem será o mesmo que os homens vão ter.” (Rogério Caboclo – Presidente da CBF, 2020)

De acordo com dados da Confederação Brasileira de Futebol, existem cerca de 400 mil jogadoras registradas, enquanto a quantidade de registros jogadores ultrapassa 2 milhões. A jogadora com maior expressão nacional é a Marta Vieira, que recebe o equivalente a R\$1.495.000,00 por temporada. Embora pareça uma grande quantia, esse valor equivale a 1% do jogador Neymar Jr., a diferença é que Marta atua há mais tempo e foi eleita a melhor do mundo por seis vezes. (Portal TERRA, 2021)

Imagem 6. Charge Craque - Junião



Fonte: Radionovaerafm.com

3.4 O FUTEBOL PARAIBANO

O futebol paraibano teve origem por um grupo de estudantes que estavam de férias em 1908. O primeiro registro do futebol no estado é no mesmo ano, quando a primeira bola é trazida do Rio de Janeiro por José Eugenio Soares – fundador do *Club de Foot Ball Parahyba*, clube que fez a primeira exibição pública de futebol paraibano. Após seis anos, houve a necessidade de criação de uma entidade que organizasse os clubes existentes - acontecimento importante, pois havia a fundação de muitos clubes sem qualquer critério. (SILVA, 2017)

No ano de 1919, o futebol paraibano encontrava-se abandonado pela entidade responsável pela organização. Dessa forma, através de uma reunião com presidentes e diretores dos clubes, desportistas e curiosos, surge a Liga Desportiva Paraibana, que logo foi oficializada pela Federação Brasileira de Futebol. Após esse acontecimento, o campeonato que era quase exclusivo à capital se espalhou pelas cidades do interior, que compareceram com seus representantes. Em 1941, criou-se a Federação Desportiva Paraibana que passou a ser em 1947 a Federação Paraibana de Futebol e dessa forma permanece até a atualidade. (SILVA, 2017)

3.4.1 Paraíba Masculina, “Muié macho, sim sinhô”

O futebol feminino segue um crescimento exponencial no que se refere à prática e aceitação meio a uma sociedade marcada por preconceitos históricos e sexismo. Na Paraíba, apesar de o primeiro jogo masculino de campeonato paraibano em 1919 já contar com expectadoras, quando se tratou de jogadoras a realidade de desenvolvimento temporal foi divergente. Essa mesma competição voltada para as mulheres, só viria acontecer em 2008. (CALDAS, 2008)

Por falta de incentivo e visibilidade, o campeonato paraibano feminino não teve continuidade até o ano de 2014, só em 2015 a competição passa a ter calendário anual. Organizado pela Federação Paraibana de futebol, a equipe campeã ganha o direito de ser a representante estadual na série A3 do campeonato brasileiro. (VALENTIM, 2019)

Símbolo de resistência feminina no estado pode ser citada a ex-jogadora do Monte Castelo e da portuguesa Gleide Costa – atualmente técnica da equipe feminina do Botafogo-PB. (GLOBO ESPORTE, 2017). Imersa no âmbito do futebol

de campo desde 1995, suas contribuições perduram até os dias atuais. Gleide tem uma trajetória no futebol que resiste a falta de calendário estadual competitivo, aos preconceitos e falta de reconhecimento conforme atesta o seu discurso ao Globo Esporte no Portal online Globo.com em Março de 2017:

Sofri preconceito e destaque que na minha época de atleta era ainda pior. O futebol era tido quase que um mundo exclusivo dos homens. Vivíamos numa realidade paralela. Mulheres que gostavam de jogar futebol eram rotuladas de "*macho*". [...] Atualmente, é notório que ainda existe desconfiança no trabalho pelo simples fato de ser mulher. (COSTA, 2017)

Além de Gleide temos jogadoras paraibanas que são conhecidas nacionalmente. Para este, destacamos a Lú - Lucilene Meireles: nascida na cidade de Cruz do Espírito Santo, jogadora do clube VF4 e única paraibana a ser convocada para a seleção brasileira. Pentacampeã estadual e uma das maiores artilheiras da história do futebol paraibano. (PORTAL CORREIO, 2022)

3.5 O 12º JOGADOR

Este jogador número doze sabe muito bem que é ele quem sopra os ventos de fervor que empurram a bola quando ela dorme, do mesmo jeito que os outros onze jogadores sabem que jogar sem torcida é como dançar sem música. (GALEANO, 1995)

Observada no como o "12ª jogador", a torcida é indissociável e carrega consigo o princípio de apoiar incondicionalmente o clube escolhido nas vitórias ou nas derrotas. Para Ferreira (2016), o torcedor é como um consumidor desde a escolha do seu clube – que geralmente acontece ainda na infância : "Tal escolha, geralmente envolve mais fatores emocionais do que racionais. É a paixão que faz com que o torcedor permaneça junto ao clube e o acompanhe sob qualquer circunstância." (p.12)

O Estatuto do Torcedor define o sujeito torcedor como qualquer pessoa que admire, acompanhe, incentive e/ou seja associado a uma entidade desportiva do país. (LEI Nº. 10.671, 2003). O verbo 'torcer' transformado em expressão remete ao latim *torquere* e significa tramar, torcer, atormentar, maltratar; para Betti (1998), a definição está muito relacionada ao comportamento dos integrantes das torcidas com os adversários.

No Brasil, não existem pesquisas independentes para mensurar o tamanho das torcidas, entretanto, pesquisas informais indicam o Flamengo [RJ] como o time que possui a maior torcida do mundo com cerca de 30 milhões de torcedores. (FERREIRA, 2016). Na Paraíba também não existem pesquisas imparciais nesse sentido e este fato é assunto entre os torcedores.

O mote de maior torcida da Paraíba é utilizado por três equipes: Botafogo-PB, Campinense e pelo Treze FC. A maioria das pesquisas sobre torcidas na Paraíba evidenciam apenas o quantitativo de torcedores em âmbito nacional, os três clubes mencionados são os de maior representatividade estadual. Em maio de 2018, a revista época publicou uma pesquisa realizada pelo Ibope Repucom, nela, o Botafogo-PB aparece como o oitavo clube mais popular do Nordeste, à frente de qualquer outra equipe estadual. (site GLOBO.COM, 2018)

Independente de qual clube tenha a maior torcida, é inegável que a Paraíba tem sua representatividade a nível Nacional, apesar de estar distante dos holofotes dos grandes clubes da série A do campeonato brasileiro. A arquibancada é um dos locais mais simbólicos no ambiente do futebol, e na Paraíba não é diferente, os gigantes de concreto são palco de inquietações, negociações, tensões e reviravoltas que os jogos proporcionam. (DAMO, 2001; HOLLANDA 2012).

3.5.1 Torcida: substantivo feminino

As mulheres tiveram um papel pioneiro em relação às torcidas de futebol, elas que consagraram a expressão 'torcer'. Isso se justifica porque as damas levavam pedaços de pano aos estádios para torcer e aliviar a tensão sem se descabelar, chorar ou fritar pelo seu time de coração. (MALAIA, 2012). Atualmente, as mulheres torcedoras têm ganhado visibilidade em grupos ou isoladas, provando que estão surgindo novas formas de composição identitária, demandas e significados para o futebol. (COSTA, 2007)

Ainda que o futebol não seja tratado com o devido valor, constata-se a presença em cada período da história de diferentes pautas políticas, culturais, econômicas ou de gênero que se expressam nos gramados e nas arquibancadas. Historicamente definido como esporte masculino, enquanto a prática é incentivada aos homens pela virilidade, há a defasagem de oportunidades às mulheres. Para estas, faltam estímulos de aproximação ao universo futebolístico, essa realidade

reforça o imaginário social de que a mulher desconhece tudo sobre a temática: regras, esquemas, fundamentos, jogadores, campeonatos. Entretanto, o torcer é a chave fundamental ao espetáculo do futebol, sem importar se é uma ação de torcedores ou torcedoras. (DAMO, 2014)

Ainda existem limitações quando a mulher se faz presente nas torcidas. Algumas torcidas organizadas definem como se deve torcer, vestir e limitam a participação em cargos relevantes das torcidas, da dinâmica de baterias, bandeirões além de outros aspectos. Alguns caminhos otimistas podem ser construídos, já que além de disputar espaço em um reduto masculinizado, as torcedoras exercitam – ainda que de forma não intencional – um ato de resistência. (BONFIM, MORAES, 2016, p.183)

3.6 ESTEREÓTIPOS, SEXISMO E SORORIDADE

Estereótipo é definido como uma imagem preconcebida sem conhecimento profundo sobre alguma coisa ou indivíduo. Para Jakubasko (2015), Estereótipos são generalizações construídas pelos pensamentos e pela linguagem humana:

São como moldes em que se encaixam visões de mundo; são rótulos, hábitos e comportamentos que reconhecemos e reproduzimos automaticamente. Eles são transmitidos por meio da linguagem, discursos sociais, assimilados na maior parte das vezes, de maneira inconsciente. Isso porque repetimos categorias e padrões que herdamos das gerações anteriores sem refletir. (p.3)

Carregados de Sentimentos, os estereótipos são como uma percepção ilusória da sociedade que passa a ser naturalizada pelas repetições, Bosi (2003 p.117) diz que “O estereótipo nos é transmitido com tal força e autoridade que pode parecer um fato biológico” e sobre essa concepção, Jukubasko (2015) argumenta: “parece ou não parece um fato biológico que o nascimento das meninas seja associado com a cor rosa e o dos meninos com azul?”

De acordo com o dicionário da língua portuguesa, sexismo é o “preconceito ou discriminação motivada por causa do sexo de alguém” (OLIVEIRA E SARAIVA, 2010). Para Fernandes *et al.*(2020), existem dois tipos de sexismo: o tradicional e o novo. O primeiro é o hostil, associado ao machismo, no qual o homem é superior às mulheres por serem fracas e frágeis - o oposto do sexo masculino, enquanto o segundo é o sexismo benévolo no contexto emocional, no qual há uma

proteção dos homens com as mulheres pelas mesmas razões de fragilidade e fraqueza. Para Swim e Hyers (2009) o sexismo se manifesta por meio de:

“atitudes, crenças e comportamentos dos indivíduos e práticas organizacionais, institucionais e culturais, que refletem avaliações negativas de indivíduos com base no gênero e que apoiam a desigualdade de status de mulheres e homens” (p. 407)

Os autores Oliveira e Saraiva (2010) relacionam a significação de sexismo com a frase “as mulheres não podem jogar futebol porque isso é coisa de homem”. Essa relação traz um posicionamento sexista hostil e essa perspectiva cultural evidencia a temática desta pesquisa.

Sororidade é uma ideia de propor empatia e solidariedade entre público comum, nesse caso entre as mulheres, não significa que é obrigatório amar todas, mas que não se deve odiar unicamente por ser do sexo feminino. (MORAIS, 2019; SOUZA, 2016). Ao se referir às mulheres atletas, é perceptível que há uma massificação entre as demais mulheres em proferir julgamentos e comentários ofensivos contra essas, para Souza (2016, p.53), “quando agimos como se fossemos rivais perdemos a força que poderíamos ter caso usássemos a sororidade para nos empoderar”. Nesse sentido:

Sororidade é a ideia de solidariedade entre mulheres, que se apoiam para conquistar a liberdade e a igualdade que desejam. É respeitar, ouvir e dar voz umas às outras sem julgamentos” – (*Escola Educação, 2020*)

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

O presente estudo se classifica como uma pesquisa de natureza qualitativa, com tipologia descritivo-explicativa, de recorte temporal transversal, tendo como técnica de análise dos dados a análise de discurso.

4.1.1 Pesquisa de natureza qualitativa

A pesquisa qualitativa tem representação ampla. Isso significa que essa abordagem busca interpretar os dados através da compreensão dos fenômenos através das suas circunstâncias. A natureza qualitativa permite estabelecer relações dinâmicas entre a objetividade do mundo e a subjetividade do sujeito, obtendo dados que não podem ser traduzidos em números (TRIVIÑOS, 1987; GIL, 2008).

Ainda nesse aspecto, Oliveira (2018) relata que descrever de forma qualitativa é realizar uma análise além da aparência, dar ênfase principalmente às suas essências, para conseguir uma explicação sobre a origem dos fenômenos, comportamentos, relações e mudanças. Além disso, por não objetivar enumerar eventos estudados, envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos através do contato direto do pesquisador com as perspectivas dos sujeitos (GODOY, 1995).

4.1.2 Tipologia descritivo-explicativa

A tipologia descritiva tem o objetivo principal de descrever as características de determinada população. Tem como peculiaridade o uso de técnicas padronizadas para a coleta de dados, a exemplo do questionário e da observação sistemática. Exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar e busca descrever os fatos e fenômenos de determinada situação. (GIL, 2008; TRIVIÑOS 1987). Considerando o que foi relatado, sem interferência do observador, os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados.

Sobre a pesquisa explicativa, Gil (2008) relata que pode ser a continuação de uma descritiva, já que a identificação de fatores determinantes de um fenômeno exige que estes estejam suficientemente descritos e detalhados. Ainda nesse sentido, define a tipologia explicativa como a mais complexa e delicada já que é o tipo de pesquisa que mais relaciona conhecimento e realidade, além de explicar a razão, identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos.

4.1.3 Recorte temporal transversal

Quanto ao tempo de pesquisa, Richardson (1999) define os estudos de corte transversal, como estudos nos quais dados são coletados em um determinado momento, tendo como base uma amostra selecionada para descrever uma população. Nessa tipologia de estudo, os parâmetros são obtidos de uma só vez, sem que haja a necessidade de acompanhamento, definindo-se em um determinado tempo. O pesquisador define e estabelece critérios de inclusão para uma amostra da população que está sendo investigada e analisa todas as variáveis que existem dentro dessa amostra. (REIS, et al., 2002).

4.2 UNIVERSO E SUJEITOS DA PESQUISA

O universo desta pesquisa é composto por atletas de futebol de campo masculino e feminino, além de torcedores e torcedoras, todos de clubes paraibanos. O estudo totalizou 64 sujeitos adultos, dos quais: 14 atletas atuantes: sendo 07 do sexo feminino e 07 do sexo masculino; 50 torcedores: sendo 25 mulheres e 25 homens. A escolha dos sujeitos foi intencional e não-probabilística.

4.3 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Para participar dessa pesquisa, foram incluídos no estudo os sujeitos que se adequaram as seguintes características:

- a) Ser maior de 18 (dezoito) anos;
- b) Ser atleta, atuar profissionalmente em alguma equipe da série A do campeonato Paraibano de Futebol há pelo menos 6 meses;

- c) Ser torcedor / torcedora, torcer por alguma equipe da série A do campeonato Paraibano de Futebol;
- d) Ser voluntário e assinar o TCLE;

Os sujeitos que não se enquadraram nos itens estabelecidos acima, não atenderam algum critério de inclusão explícito ou optaram a qualquer momento por desistir de participar, foram excluídos da pesquisa.

4.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DOS DADOS

Os instrumentos utilizados para coletar os dados do trabalho foram dois questionários semi-estruturados construídos pela investigadora. Para Gil (1994), o questionário pode ser definido como uma técnica de investigação que tem como objetivo, o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas entre outros fatores.

Ainda nesse sentido, Gil (2008) reitera que o questionário é um meio de adquirir dados sobre as pessoas, interrogando-as e não através da observação, mas colhendo amostras dos seus comportamentos. Diante disso, os instrumentos foram construídos e pré-testados pela pesquisadora com a finalidade de alcançar os objetivos do estudo. O questionário I foi direcionado aos atletas, já o questionário II, foi direcionado à torcida. O primeiro é composto por 24 questões e o segundo por 23, ambos os questionários têm perguntas de múltipla escolha e discursivas.

4.5 PROCEDIMENTOS PARA COLETA DOS DADOS

Para a coleta dos dados, a pesquisa foi divulgada pelas redes sociais *Instagram* e *WhatsApp*, através de um link que direcionava ao *Google Forms*. Dessa forma, os/as atletas e torcedores que se disponibilizaram e cumpriram os critérios de inclusão, participaram voluntariamente da pesquisa. Posteriormente, foram evidenciados os objetivos da pesquisa, seus procedimentos de realização. Foi solicitada a assinatura virtual do TCLE- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, (Apêndice I), para então dar início à aplicação do questionário.

Após as formalidades éticas iniciais serem cumpridas, os questionários semi estruturados (APÊNDICES II e III) foram aplicados, através da plataforma *Google*

Forms e as coletas foram realizadas após autorização do Comitê de ética em Pesquisa. O processo de perguntas, não atrapalhou em nenhum aspecto, já que responder o questionário durou em média 5 minutos, podendo apenas ter gerado um leve desconforto pela exposição da tela, entretanto, ninguém foi obrigado a iniciar ou permanecer respondendo.

4.6 CONFIGURAÇÃO DA ANÁLISE DOS DADOS

Para o desenvolvimento da análise de dados, as informações obtidas foram identificadas, interpretadas e analisadas, utilizando a Técnica de Análise de Discurso (AD). De acordo com Fiorin (1990), essa forma de análise, deve ser considerada como objeto histórico e linguístico, de forma que compreenda o discurso como objeto cultural em relação dialógica com outros textos:

Nem se pode descartar a pesquisa sobre os mecanismos responsáveis pela produção do sentido e pela estruturação do discurso nem sobre os elementos pulsionais e sociais que o atravessam. Esses dois pontos de vista não são excludentes nem heterogêneos (p. 177).

A Análise de Discurso, como a própria nomenclatura indica, não trata da língua nem da gramática, embora esses fatores lhe interessem, ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. Esse método de análise visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos. “O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando” (ORLANDI, 2004).

4.7 ASPECTOS ÉTICOS

O presente trabalho foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética do Centro de Ciências da Saúde (CCS/UFPB), sobre forma de projeto, de acordo com os preceitos éticos e morais vigentes. Visando o bem-estar e saúde dos participantes da pesquisa e justificando-se pela necessidade de isolamento social imposta pela Pandemia de COVID-19, os questionários foram realizados de forma virtual. Os

participantes foram situados no que se refere à importância e pretensões do estudo em questão.

Em seguida, foi aplicado TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE I), solicitando consentimento dos atletas e torcedores, de forma a cumprir a norma 466\2012 que diz respeito à condição de dignidade humana em relação a pesquisas com seres humanos. Após a aceitação e assinatura do TCLE, iniciou-se a coleta de dados e o questionário foi aplicado de forma individual pelos pesquisadores.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A principal finalidade da discussão dos resultados na dialética da pesquisa traz a argumentação presente nas categorias e códigos elaborados pelos investigadores. Para o perfil do público alvo foi utilizada a análise descritiva dos dados como síntese das variáveis quantitativas, o que nos permitiu traçar o perfil sociométrico da população investigada. Para as questões subjetivas, optou-se por utilizar a análise do discurso, referentes aos questionários (Apêndices II e III).

Com o objetivo de elucidar as informações coletadas nessa pesquisa, consideramos pertinente dividir este tópico em categorias que foram construídas a partir dos discursos apresentados pelos atletas e torcedores. Cada categoria, com suas variáveis, desvelaram discursos recorrentes que foram base para a construção dos códigos de análise que possibilitam uma discussão mais ampla e sistemática dos objetivos deste estudo.

5.1 PERFIS DOS SUJEITOS ANALISADOS

Esta análise tem como objetivo descrever os sujeitos da pesquisa. Para isso, as seguintes variáveis foram escolhidas como relevantes e analisadas: idade, local de nascimento, renda, identidade de gênero e grau de escolaridade para os dois públicos investigados, além do tempo de atuação no futebol profissional e apoio financeiro de patrocinador - direcionado apenas aos atletas. A amostra foi composta por 50 torcedores e 14 atletas de times paraibanos da série A, divididos igualmente em ambos os sexos.

5.1.1 Idade dos sujeitos da pesquisa

Tabela 1. Caracterização por faixa etária dos sujeitos entrevistados

Sujeitos	Faixa Etária (N)		
	18-28	29-39	40-52
Torcedoras	20	5	0
Torcedores	10	11	4
Atletas (Fem)	4	3	0
Atletas (Masc)	2	5	0

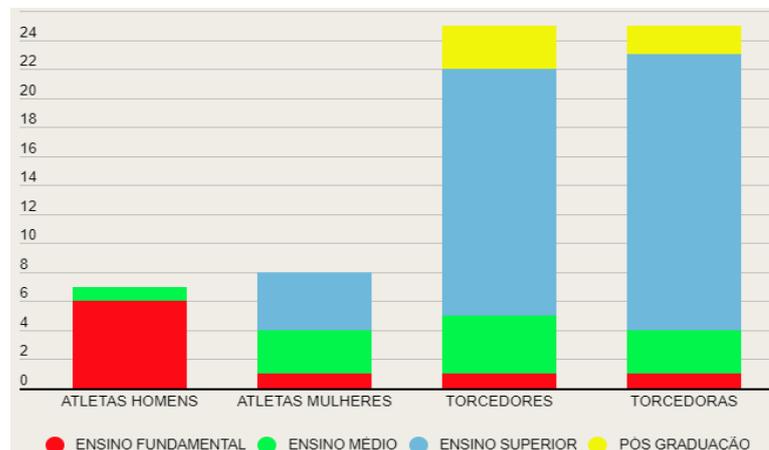
Fonte: Dados da pesquisa

Os torcedores investigados têm faixa etária de 18 a 52 anos, enquanto os atletas apresentam idades de 18 a 37 anos. De acordo com os dados da tabela 1, no que se refere aos torcedores, podemos perceber que a maioria dos participantes investigados se encontra na faixa etária de 18 a 28 anos correspondendo a 60% dos 50 sujeitos (n= 30). Já no que se refere aos atletas, dos 14 sujeitos, 42,8% (n=06) tem a faixa etária de 18 à 28 anos de idade, enquanto 57,1% (n=8) têm de 29 a 39 anos.

Um fato relevante é a média de idade distribuída por sexo entre os torcedores: as mulheres possuem uma média de idade de 24,2 anos, menor que a dos homens que é 30,7 anos. Lunz (2017) percebe um sentido revolucionário nessa análise inicial de uma torcida com mulheres jovens, pois considerando o tempo de invisibilidade social e a crescente imersão em aspectos que eram destinados aos homens, expressa o resultado de lutas feministas que hoje permitiram presenciar mulheres em posições e locais que eram exclusivos aos homens.

5.1.2 Grau de Escolaridade

Gráfico 1. Caracterização por grau de escolaridade de atletas e torcedores paraibanos



No que se refere aos graus de escolaridade, obtivemos uma predominância das atletas com grau de escolaridade maior que a dos homens. Encontramos a maioria de 57,1% com ensino superior nas mulheres (n=4) – todas graduadas em educação física, 28,5% (n=2) possuíam o ensino médio e apenas uma cursou até o ensino fundamental. Já ao analisar a escolaridade dos atletas masculinos, a situação é oposta: 85,7% (n=6) possuíam apenas o ensino fundamental, apenas um

cursou até o ensino médio e nenhum tem formação superior, mesmo apresentando uma média de idade superior à feminina.

Diante dessa maioria de mulheres atletas com graduação, Prá e Cegatti (2016), relatam que a luta por igualdade entre os sexos motiva a busca educacional feminina justificando-se pelo ideal de inserção nas esferas sociais. Durante muito tempo, a educação era privilégio masculino e das classes abastadas, dessa forma, problemas de discriminação continuam a segregar e excluir mulheres não só da esfera do trabalho, mas também socialmente. (PRÁ, 2016)

Ainda nesse aspecto de escolaridade, 14% dos torcedores cursaram até o ensino médio: (n=4) homens e (n=3) mulheres; 10% são pós-graduados (n=3) torcedores e (n=2) torcedoras e 4% (n=2) um de cada sexo cursou o ensino fundamental completo. Além disso, há o quantitativo de 72% com formação superior, destes, (n=19) são mulheres e (n=17) são homens. As graduações encontradas estão distribuídas em diversas áreas de conhecimento, entretanto, a graduação em educação física foi relatada por 30% dos sujeitos, (n=9) mulheres e (n=6) homens.

Percebemos nas torcedoras a mesma tendência da presença de mulheres nas diversas etapas de formação educacional, dessa forma, Prá e Cegatti (2016) afirmam que ocorreram muitas evoluções em favor das mulheres, entretanto, os obstáculos que impedem a permanência desses avanços não podem ser ignorados. Estar na torcida acompanhando os jogos ou como atleta jogando, é dividir-se entre outras obrigações consideradas como femininas.

Como exemplo, os discursos: da torcedora 15 analisada nesta pesquisa, da jogadora do Santos-SP Cristiane Rozeira e da médica Tathiana Parmigiano, especialista em ginecologia do esporte:

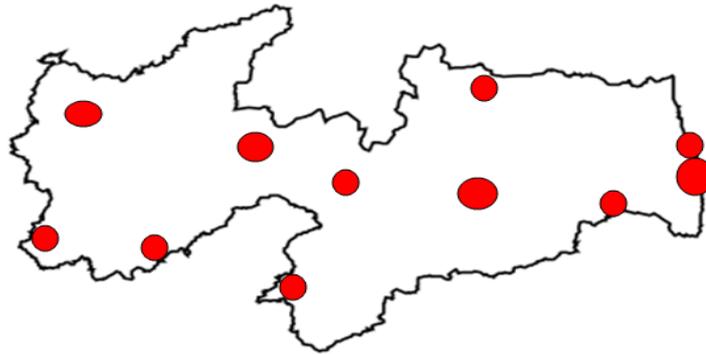
(...)fui ao estádio e me encantei, não parei de torcer mais. Mas me tornei mãe, tem os serviços de casa, o trabalho... Não vou ao estádio como ia, falta tempo sobra cansaço. (Torcedora 15)

Se você parar para engravidar, acaba com a carreira. Não tem como, eu trabalho com o meu corpo e não posso parar. Nos cinco dias em que fiquei afastada após o parto da minha esposa, perdi jogos e já estava sem ritmo de jogo quando voltei (...) Meu dia das mães será por vídeo, temos jogo, primeiro dia das mães e não vou estar aqui com ele. (Entrevista ao Portal UOL, em 18/08/2021)

“As mulheres atletas costumam postergar a decisão de ter filhos porque a carreira acaba exigindo que a dedicação integral às competições prevaleça” (Tathiana Parmigiano, El País, São Paulo – 13/06/2019)

5.1.3 Local de Nascimento

Imagem 7. Distribuição do local de nascimento dos torcedores



Fonte: Dados da Pesquisa

Questionamos aos torcedores, referente ao estado e município de nascimento. Obtivemos que todos são paraibanos e contamos com participantes de todas as mesorregiões paraibanas. Na região da mata, obtivemos o quantitativo de 46% dos sujeitos ($n=23$), dos municípios de João Pessoa ($n=17$), Santa Rita ($n=5$) e Pilar ($n=1$). A região do agreste teve 22% ($n=11$) sujeitos, sendo ($n=10$) do município de Campina Grande e ($n=1$) de Cuité.

A região da Borborema, contou com 4% dos sujeitos ($n=2$), sendo ($n=1$) de Taperoá e ($n=1$) do município de Monteiro. Na mesorregião do sertão paraibano, obtivemos 28% ($n=14$) sujeitos, nascidos nos municípios de Patos ($n=7$), Sousa ($n=4$), Tavares ($n=2$) e Conceição ($n=1$).

Imagem 8. Distribuição do local de nascimento dos atletas



Fonte: Dados da Pesquisa

Quanto aos locais de distribuição de nascimento, contamos com atletas nascidos em sete estados diferentes: Paraíba ($n=7$), Rio Grande do Norte ($n=1$), Rio Grande do Sul ($n=2$), Rio de Janeiro ($n=1$), Mato Grosso do Sul ($n=1$), Paraná ($n=1$)

e Tocantins (n=1). Percebemos entre as cidades de naturalidade dos atletas: João Pessoa, Curral Velho e Santa Rita na PB (n=3), Caxias do Sul e Canela no RS (n=2), Assu no RN (n=1) e Corumbá no MS (n=1). Já das atletas: São José do Sabugi, Santa Rita, Cajazeiras e Campina Grande na PB (n=4), Colinas do Tocantins no TO (n=1), Curitiba no PR (n=1) e São Gonçalo no RJ (n=1).

Ter a possibilidade de analisar atletas nascidos em diferentes regiões é de grande valia, pois inseridos aqui no futebol Paraibano, esses refletem a influência do meio como as situações de treino, convivências, mas também da sua cultura, seus comportamentos, posturas adotadas, podendo se equiparar ou divergir conforme suas experiências e os ambientes de inserção.

5.1.4 Identidade de Gênero

Quadro 1. Identidade de Gênero (Torcida)			Quadro 2. Identidade de Gênero (Atletas)		
	Homens	Mulheres		Homens	Mulheres
Heterossexuais	25	23	Heterossexuais	7	4
Bissexuais	0	2	Bissexuais	0	1
Homossexuais	0	0	Homossexuais	0	2

Fonte: Dados da Pesquisa

Questionamos aos atletas e torcedores a sua identidade de gênero. Entre os atletas, apenas as mulheres se declararam homossexuais (n=2), enquanto (n=1) afirmou-se bissexual. Entre os torcedores, obtivemos apenas (n=2) mulheres que declararam bissexuais, não havendo registro de homossexuais entre os sujeitos do sexo masculino investigados, fossem atletas ou torcedores. É válido frisar que não existem censos sobre o percentual da população brasileira que se declara gay, dificultando a produção de estimativas da quantidade de homossexuais atuantes em um clube de futebol.

Apesar da unanimidade dos atletas e torcedores investigados em declarar-se heterossexual, é válido mencionar a ausência de atletas de futebol e torcedores que se assumem homossexuais. Para Bandeira & Seffner (2013), o futebol fabrica estereótipos de gênero e sexualidade dentro de uma atmosfera machista, homofóbica, heteronormativa. Muito se discute sobre gênero e sexualidade, acerca dos comportamentos esperados dos atletas ou torcedores de futebol, entretanto a

intolerância é externada em manifestações de diferentes tipos de violência seja nas arquibancadas ou nos vestiários.

Essa intolerância observada por Bandeira & Seffner (2013), remete o fato histórico ocorrido em 1998, no qual Fashanu, o primeiro jogador de futebol destaque na Inglaterra a se declarar homossexual publicamente em entrevista, se enforcou em Shoreditch. O atacante acreditava que se revelasse sua homossexualidade, a sociedade passaria a ser menos preconceituosa. Entretanto quando a entrevista foi publicada, o jogador começou a ser excluído dos treinos, discriminado pelo técnico e por vários jogadores que afirmavam não haver lugar para homossexuais no futebol. (CAMARGO, 2018)

Trazendo para uma realidade mais próxima, o ex-jogador Richarlyson omitiu sua bissexualidade durante toda a sua carreira. Mesmo omitindo, os rumores levaram a perda de patrocinadores, dificuldades na contratação, gritos homofóbicos das torcidas adversárias. Em entrevista realizada ao programa *The Noite* na TV SBT em 2021 ele falou sobre esse preconceito:

A gente passa por certas situações desnecessárias, você pode xingar, desejar o mal, mas não de forma preconceituosa (...) preferem gritar "viado", mesmo sem fazer sentido. É o machismo. Acho que é o preconceito da torcida, porque infelizmente a maioria é homem, mesmo isso mudando um pouco. Para eles é uma afronta, para eles futebol é porrada, voadora. Então eles acham que gay não pode jogar futebol. (Entrevista 1- Programa The Noite/ TV SBT em 25/10/2021)

Essa realidade de assumir a homo/bissexualidade se configura de forma diferente na atuação profissional feminina, a compreensão, capacidade de auto-afirmação e tolerância com essa temática demonstram ser maiores. Fato que se observa no discurso de Cristiane Rozeira, atacante do Santos e ex jogadora da seleção brasileira, em entrevista à revista online TPM, do portal UOL:

No feminino, não. A gente acaba se sentindo mais confortável de falar, de se expor. Acho que até rola um pouco do contrário, de explicar que a menina não precisa jogar bola porque ela é lésbica, nem vai "virar" lésbica por estar ali. Se ela for lésbica, simplesmente ela pode trabalhar em qualquer outra área e vai continuar sendo. A única diferença é que você não deixou sua filha realizar o sonho dela de jogar futebol. (Portal UOL, 2021)

Para Julio Moreira, ativista da causa LGBTQIAP+ há 20 anos, há uma cultura machista intrínseca ao futebol brasileiro que julga torcedores e dificulta a abordagem dessa temática pelos jogadores:

O machismo se reproduz até na forma como a gente comemora nos jogos, com xingamentos. Se o juiz roubou, ele é ladrão, ele é veado (...) A sociedade faz com que atletas de times profissionais não possam se assumir, tem constrangimento no meio e na torcida, também o reflexo de patrocínio. Acho muito difícil a pessoa assumir que é homossexual. Claro que tem, mas precisam viver se policiando e é difícil viver uma homossexualidade escondida num ambiente assim. (Julio Moreira, Globo.com)

Para Bandeira & Sefnner (2013), o esporte é um local de construção de estereótipos de gênero e ocupa um lugar privilegiado no que se refere a construção da masculinidade, carregando uma série de exigências seja dos atletas ou torcedores. A profissionalização do futebol no Brasil é masculina apesar da crescente participação das mulheres, apenas os homens têm calendário de competições fixo e consegue reunir multidões nos estádios. Trata-se de uma ocasião cultural que reconhece, ensina, produz e representa masculinidades. (CAMARGO, 2018). Para Arlei Damo (2002):

O futebol cumpre a mesma função significativa do vestuário, especialmente para os brasileiros do gênero masculino. (...) Em um país que a rua é um espaço privilegiado na socialização dos meninos e que o futebol é uma das brincadeiras preferidas, desdenhá-lo equivale a andar nu. (p. 11).

Nessa inter-relação de representatividade e expressão cultural, Bandeira & Sefnner (2013) relatam que a torcida de futebol é produzida ao longo de jogos e situações. As músicas, manifestações, emoções, produzem uma lógica de atitudes de acordo com o decorrer dos jogos onde a masculinidade possui predominância. É válido salientar que essa predominância não é apenas quantitativa, mas machista, misógina e homofóbica.

Em muitos momentos, esse comportamento sexista e homofóbico é naturalizado, surgem manifestações em cânticos, frases gritadas e não são compreendidas como violentas para quem as expressa. Trouxemos vozes de diferentes torcidas e torcedores paraibanos:

Olha o chute desse fresco, ele chuta feito[sic] mulherzinha, veado!
(Torcedor não Identificado, Estádio Municipal de Patos, 20/04/2022)

Au, au, au, pau no cú da capital (Torcida Jovem da Raposa, Estádio Amigão, 21/05/2022)

Solta o som da festa para o galo gay chorar (Torcida Império Alvinegro, Estádio Almeidão, 21/04/2021)

Esses refrões, discursos e demais semelhantes fortalecem o fato de que o esporte em geral e principalmente o futebol, para Pimenta (2003), o estádio se revela como um local de preconceito, no qual, quanto mais a sociedade evolui sobre respeito ao diferente, mais evidente fica a não aceitação ao homossexual e à mulher.

5.1.5 Atletas: Renda e Apoio de patrocinadores

Para Teixeira (2019), a participação feminina no mercado de trabalho é marcada por discriminações e desigualdades salariais. A construção de estereótipos na sociedade afeta a mulher e se propaga ao mundo do futebol que até os dias atuais tem maioria masculina – praticantes ou consumidores. Objetivando comparar as rendas individuais dos atletas entre os sexos questionamos: *Quanto em reais você recebe mensalmente como jogador (a)?* Obtivemos o Gráfico 2:

Gráfico 2. Renda dos/das atletas paraibanos (as)

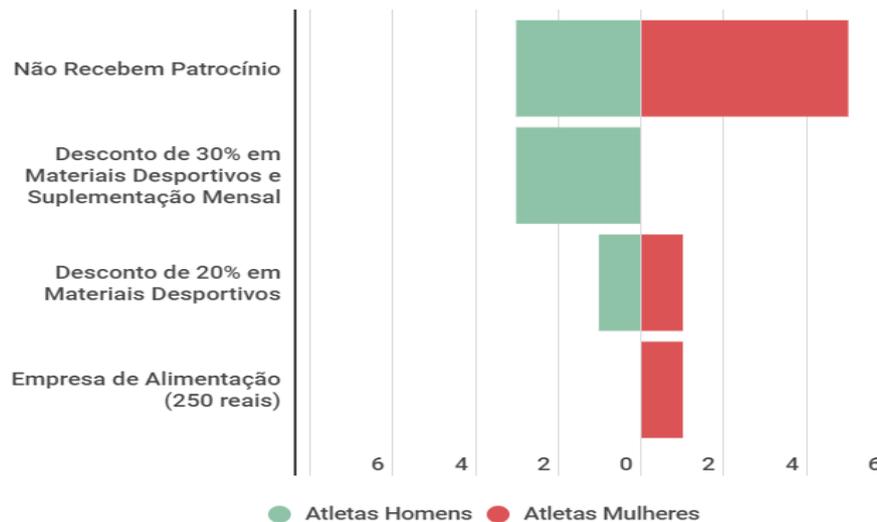


No que tange a evolução do futebol feminino, essas desigualdades persistem, observamos a presença uma disparidade significativa a nível mundial e entre os atletas locais não foi diferente: obtivemos uma média salarial masculina superior à feminina. Enquanto a maioria dos atletas homens (n=3) tinha renda entre 3 e 4 Salários mínimos e (n=1) possuía renda superior a 4 SM, a maioria das atletas

mulheres (n=3) recebia menos de 1 SM e (n=1) tinha renda entre 1 e 2 SM. Ainda nesse sentido, entre os atletas homens existiam (n=2) sujeitos recebendo entre 2 e 3 SM. Já entre as atletas mulheres, não houve registro de renda superior a 4 SM e apenas (n=1) recebia de entre 3 e 4 salários mínimos.

Posteriormente, questionamos aos atletas: *Você recebe apoio (financeiro/ serviços/ produtos) de algum patrocinador? Caso positivo, como/ quanto?* Nesse sentido, observamos que no futebol paraibano há a carência de investimentos e patrocinadores. Entretanto, mais uma vez ao realizar uma comparação entre os sexos, constatamos a superioridade de patrocínio e descontos em produtos aos atletas masculinos, conforme o gráfico:

Gráfico 3. Patrocínio aos/às atletas paraibanos (as)



Fonte: Dados da Pesquisa

Obtivemos que (n=3) Não recebem patrocínio, (n=1) possui desconto de 20% na compra de materiais desportivos de uma marca estadual; (n=3) têm desconto de 30% na compra de materiais esportivos de uma marca estadual e produtos de suplementação de forma mensal. Já entre as mulheres atletas, (n=5) não recebem nenhum tipo de patrocínio ou ajuda de custo, (n=1) recebe o valor crédito de R\$250,00 em produtos de alimentação em um restaurante, (n=1) possui desconto de 20% na compra de material esportivo de uma marca estadual.

Essa problemática da renda e patrocínios tem correlação com a participação feminina no mercado, já que além do profissionalismo há o interesse de retorno financeiro. Ou seja, apesar da dificuldade de captar com exatidão a diferença salarial

entre atletas, prova-se a presença de uma quantidade muito maior de homens nesse âmbito. (TEIXEIRA, 2019)

Rafih (2015) define o patrocínio como uma estratégia de investimento que busca retorno financeiro e institucional de forma que o patrocinador objetiva tornar sua marca mais conhecida, com imagem positiva e consolidada. Assim, para Teixeira (2019) o futebol feminino não é rentável como o masculino e consequentemente, os salários e patrocinadores das jogadoras não se equiparam com o quantitativo dos jogadores.

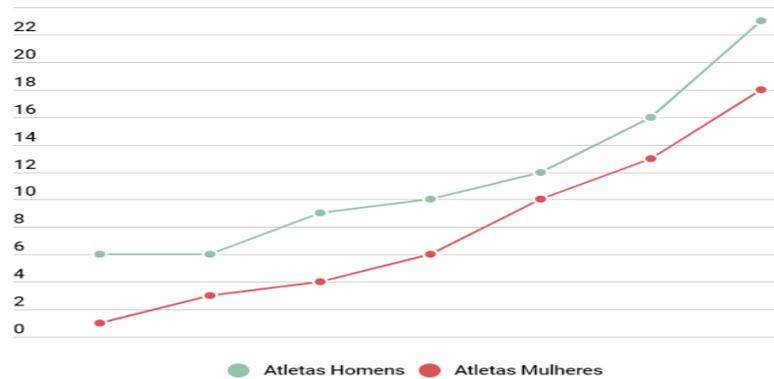
Cientes do mencionado, o descaso da indústria e comércio local é evidente, assim como a omissão das prefeituras municipais e do governo estadual no que se refere a investimentos direcionados aos clubes estaduais, principalmente às equipes femininas. Pois, antes do retorno financeiro, os patrocinadores que optam por associar sua marca a um time ou atleta feminino devem considerar valores, aspectos institucionais e de imagem. Apesar de ser raro, o perfil mais humanitário é observado no discurso de Éder Caxias, patrocinador máster paraibano de uma equipe feminina de futebol:

As mulheres precisam ter oportunidade, para nós é muito gratificante poder abraçar essa causa. O que se precisa na verdade, é de valorização dessas profissionais que saem dos seus lares com muitas dificuldades e estão dentro dos campos de futebol fazendo o que elas gostam com carinho, dedicação. Futebol não é só para o homem. A mulher deve estar onde ela quiser. (TV Belo, 01/10/2021)

5.1.6 Tempo de Atuação no Futebol

Com a finalidade de comparar o início da prática de futebol amador e profissional, questionamos aos sujeitos: *Com qual idade (em anos) você começou a jogar futebol amador e Há quantos anos você joga Futebol em um clube profissional?* Obtivemos que todos os investigados iniciaram no futebol amador antes dos 10 anos de idade, não obtendo divergências relevantes entre sexos nas respostas sobre o período de iniciação.

Já referente a atuação profissional em anos, os atletas têm média superior de 11,7 anos, enquanto as atletas obtiveram média de 7,8 anos. Esse resultado comparativo entre médias pode ser justificado pela tradição no futebol masculino que já existia há muito tempo, enquanto o futebol feminino é mais jovem, têm se desenvolvido atualmente, e ainda, de forma lenta, desigual. Obtivemos o gráfico:

Gráfico 4. Tempo de atuação no futebol profissional (anos)

Fonte: Dados da Pesquisa

5.1.7 Profissional ou amador? Locais de treino, materiais e comissão

Silva (2011) acredita que a diferença basilar entre futebol profissional e amador é que o amador é direcionado ao lazer, alegria e entretenimento além de se espelhar no futebol profissional, Goerg (2010) percebe essa prática como uma válvula de escape, uma opção o indivíduo encontra na intenção de aliviar o stress do dia-a-dia, bem como maneira de sentir-se ativo socialmente.

Enquanto o futebol profissional é limitado à perspectiva de trabalho, visa a vitória a qualquer custo, lida com jogadores e oportuniza todas as condições necessárias para sua evolução. Além disso, exige a tomada de decisão dos praticantes sobre o que vai fazer e quem irá se tornar, para Neiva (1995):

A escolha profissional é considerada um processo de desenvolvimento que se inicia na infância, passa por vários estágios e se estende por um longo período da vida. Durante esses estágios o indivíduo vai fazendo uma série de compromissos entre suas necessidades e as oportunidades oferecidas pela realidade social em que vive (p. 15).

Com a finalidade de conhecer os locais e materiais de treino, bem como a comissão dos/das atletas investigados/as questionamos: *Quais são as condições estruturais do atual campo de treino?; Quais são as condições estruturais do atual Centro de treinamento?; Quais os materiais do seu treino; Há equipe multidisciplinar disponível de forma gratuita?* Criamos tópicos temáticos para essas questões com itens da estrutura local, integrantes da equipe multiprofissional, tipo e qualidade do gramado, quantidade e conservação dos materiais.

Com as respostas, obtivemos o quadro seguinte:

Quadro 3. Comissão, Locais e Materiais de Treino

	Homens	Mulheres
Estrutura Local		
Arquibancada	6	3
Banheiros e Vestiários Femininos	3	2
Banheiros e Vestiários Masculinos	7	4
Bebedouros Funcionando e com manutenção	6	2
Espaço Regenerativo/Treino Extra Campo	4	1
Equipe Multi Profissional		
Equipe Multiprofissional Completa Gratuita (Médico, Fisioterapeuta, Nutricionista, Psicólogo e Profissional de Educação Física)	3	0
Gramado		
Gramado Natural Bem Conservado	7	4
Materiais Suficientes e Bem Conservados		
Bolas	7	5
Cones	7	6
Estacas e/ou Escadas de Agilidade	5	3
Redes	7	6
Barreiras de Salto	4	3
Manequim Barreira	3	2

Fonte: Dados da Pesquisa

Através da análise, foi possível constatar que apesar da superioridade do futebol masculino com relação ao feminino nos tópicos analisados, as condições desse esporte na Paraíba ainda estão distantes do que é idealizado para o âmbito profissional. Se por um lado o idealizado é distante no futebol masculino, por outro, no feminino, é quase unânime a falta estrutura local básica como banheiros, vestiários, bebedouros, arquibancadas e espaço regenerativo.

Além disso, a unanimidade entre as atletas investigadas no que se refere a ausência de equipe multiprofissional, faz refletir numa perspectiva científica sobre como está a saúde desse público, a alimentação, de que forma é realizada a recuperação e os treinamentos – Sem gramado adequado, e com os demais materiais insuficientes ou não conservados.

5.2 CATEGORIAS E CÓDIGOS DE ANÁLISE DO DISCURSO

Ao buscar um melhor entendimento no referido processo de imersão nos dados, optamos pela criação de **06** categorias de análise: 3 direcionadas aos atletas

e 3 direcionadas à torcida. Dessa forma, houve a identificação, interpretação e análise dos discursos que, devido ao seu prolongamento poderiam possuir difícil compreensão. Objetivando facilitar as categorias, percebemos códigos de recorrência, que se originaram de acordo com os discursos dos participantes da pesquisa.

Os códigos elaborados pelos pesquisadores possuem uma inter relação com as categorias as quais fazem parte. Os discursos que atingiram no mínimo 20% de recorrência foram considerados aptos à apresentação e verificação por possuírem evidente semelhança com o tema abordado. Para facilitar a compreensão dessa organização, elaboramos o quadro 4 que demonstra a organização das 06 categorias e 17 códigos de análise, bem como o gráfico 5 que expõe as 25 palavras mais utilizadas nos discursos dos sujeitos.

Quadro 4. Categorias e códigos de recorrência

CATEGORIAS	CÓDIGOS
Sexismo: Anacronismo Futebolístico	Masculinização das atletas
	A cultura machista e as jogadoras
O jogar feminino	O preconceito entre sexos
	Mulher macho x Mulher feminina
Atletas além dos 90 minutos	Apoio Socioafetivo
	Enfrentamento social e financeiro
A grandeza de torcer por um time pequeno	Sou Paraibano (a) e meu time também
	Influência familiar
	Amor, paixão
	Identificação com a história do clube
	Idas ao estádio
Torcida: Substantivo Feminino	Sexismo na torcida
	Masculinização/ Sexualização da torcida
	Participações femininas: omissão dos clubes e da mídia
	O torcer e o apoio socioafetivo
	Hostilidade ecoada nos estádios
	As mulheres machistas e a carência de sororidade feminina

Fonte: Dados da Pesquisa

Gráfico 5. As 25 palavras mais mencionadas pelos sujeitos investigados



Fonte: Dados da Pesquisa

5.3 CATEGORIA SEXISMO: ANACRONISMO FUTEBOLÍSTICO

Esta categoria trata da atemporalidade do sexismo para/com as jogadoras de futebol sob a perspectiva de atletas e torcedores. De acordo com o dicionário da língua portuguesa, trata-se da discriminação/intolerância com alguém motivada pelo sexo. Apesar de o sexismo ser o foco principal desta categoria, os estereótipos foram evidenciados com frequência, pois, estes se configuram como uma forma inicial de preconceito e estão ligados às crenças sobre as características pessoais atribuídas aos sujeitos ou grupos. (OLIVEIRA E SARAIVA, 2010).

Foram originados dois códigos de recorrência a partir das questões: *Você concorda com os estereótipos masculinizados atribuídos às mulheres praticantes de futebol? Por quê?; Quais seriam estes estereótipos sobre o esporte que você percebeu? Por que estes estereótipos acontecem?* Obtivemos os códigos:

5.3.1 Código Masculinização das atletas

A existência de uma tensão entre futebol e mulher atleta é notória, há uma relação entre representação social desse esporte como masculino e a prática feminina. Os desafios para as mulheres não se limitam aos dribles, chutes ou

estratégias de jogo. As maiores dificuldades estão fora dos gramados. (SANTOS & ROSADA, 2021). Conforme a perspectiva de Altmann (1998):

Para as meninas, superar as expectativas e ser melhor que os meninos no esporte era uma honra, motivo de consagração que, em algumas ocasiões e entre alguns meninos, garantia-lhes legitimidade. Noutros momentos, porém, a desvalorização de sua prática esportiva e delas como mulheres era uma maneira de resistir ao abalo que sua presença nos gramados infligia ao domínio masculino daquele espaço. (p. 98-99)

Para Festle (1996), as mulheres sempre foram discriminadas de duas formas principais: pelas diferenças físicas e pela masculinização do esporte. Na primeira forma, as mulheres são consideradas menos capazes que os homens no esporte, e, na segunda, estas são consideradas *anormais* ou *lésbicas*. Este código apresentou uma recorrência de 40,6% do total de sujeitos: (n=4) atletas masculinos, (n=5) atletas femininas, (n=7) torcedores e (n=11) torcedoras. Neste sentido, encontramos os depoimentos:

Concordo, a maioria delas que praticam futebol tem gestos e comportamentos semelhantes aos dos homens. Essa masculinização acontece porque é natural do ser humano fazer comparações e julgamentos. Se o jeito de andar, vestir, comunicar e de se portar, lembram os mesmos de um grupo de homens, não vejo problema em expressar que grande parte das mulheres que pratica o futebol se parece com homens. (Atleta masculino 1)

Não concordo, cada um faz o que quer sem ser julgado por padrões do sexo oposto. Sei que existe, porque frequentemente é feita uma generalização por parte da população de que mulheres praticantes de futebol são homossexuais. (Torcedor 15)

Não concordo com a masculinização no esporte, mas para a sociedade, o futebol masculiniza pelas roupas, gestos e modo de jogar. O esperado pela sociedade é que a gente esteja sempre bem vestida fazendo coisas delicadas que não exijam força, mesmo sendo errado porque não existe coisa de homem ou de mulher, a pessoa faz o que quer. (Atleta feminina 6)

Não vejo masculinização das mulheres, vejo que ainda há um preconceito no meio do futebol. Acredito que é possível gostar de futebol e manter a feminilidade, uma coisa não anula a outra. As jogadoras são julgadas simplesmente por jogar, arrumam justificativas nas roupas, gostos e até nas posturas que a modalidade exige. (Torcedora 6)

Atletas e torcedores, independente de sexo, repetiram em quase uníssono alguns discursos observados no senso comum machista. Nele, há a busca de razões e justificativas para a existência da masculinização atribuída pela sociedade ao futebol. Todos os sujeitos não mencionados aqui, não souberam ou não quiseram explicar os porquês dessa masculinização – apesar de evidenciar em outras

questões aspectos relacionados às condutas, posturas e comportamentos idealizados para as mulheres: o futebol não se configura como um destes.

No futebol, assim como em outras modalidades, as praticantes encaram cotidianamente julgamentos sobre sua feminilidade, que para grande parte da sociedade, compromete características rotuladas como femininas. Para Oliveira (2008), há uma intolerância com o futebol feminino porque se julga falta de domínio, vestimentas, sexualidade, pouca feminilidade e homossexualidade.

Diante dos discursos observados, é inegável a presença da masculinização às praticantes de futebol na Paraíba. Mesmo que não seja uma unanimidade entre os sujeitos, ainda há uma forte estereotipagem masculina apenas por jogar futebol, seus gestos, vestes, trejeitos e posturas de jogo.

5.3.2 *Código A cultura machista e as jogadoras*

Desde pequena, muito preconceito.
Aquele papo: futebol não é pra mulher.
Mas aprendi a dominar no peito, pôr no chão e responder com a bola no pé.
[...] Não quer brincar de boneca nem pintar na escola, só quer saber de driblar, correr atrás de bola.
[...] Agora a menina já virou mulher, tá correndo atrás do sonho e sabe o que quer.
Driblando as dificuldades, deixando pra trás, com orgulho é jogadora e ama o que faz.
(CACAU FERNANDES – JOGADEIRA, 2019)

Para discorrer sobre esse código originado, recorreremos aos acontecimentos dos primeiros jogos olímpicos da modernidade que aconteceram em 1896. As mulheres eram proibidas de participarem como atletas devido a sua fragilidade, masculinização ou impedimentos para desempenhar o papel reprodutor. A elas, com a cultura machista enraizada, só restava assistir as competições. (ALTMANN, 2015).

Atualmente, essa visão do esporte como agente masculinizante ainda se faz presente, tendo dessa vez, uma justificativa fisiológica. As praticantes são categorizadas de acordo com a característica das modalidades e são julgadas tendo como base papéis de gênero. Seus corpos, modo de se expressar, voz e até a forma de realizar os fundamentos da modalidade que se dispuserem a praticar, são elementos que viram alvo de críticas na sociedade. Trouxemos alguns relatos:

Muitas das vezes pelo fato de boa parte das mulheres aderirem uma postura masculina e de fato as pessoas saberem q [sic passim] 60% das

mulheres q jogam futebol são gays. Acho que os julgamentos acontecem naturalmente, é só olhar para os trejeitos. (Atleta Masculino 2)

Não faz sentido ser julgada só por jogar futebol. Não sei como acontece, mas talvez seja por conta da modalidade. Geralmente a menina que joga futebol viveu uma grande parte de sua vida no meio de homens. Fragilizam, julgam e desacreditam demais, aconteceu comigo. (Atleta Feminina 6)

São julgadas porque de regra tem mais homem gostando de futebol que mulher, uma questão histórica e cultural influencia essa percepção. Há ainda muito machismo no Brasil e no Nordeste é ainda pior. (Torcedor 15)

Sempre julgam as jogadoras, existe uma ideia errônea de que futebol é coisa de homem e só eles entendem tudo, sabem tudo. (Torcedora 9)

Esse código se refere à cultura machista e as jogadoras. A alta porcentagem de recorrência de 67,18% nos discursos evidencia que esse fator ainda é presente no futebol. Entre os sujeitos que mencionaram esse código estão: (n=7) atletas homens, (n=4) atletas mulheres, (n=15) torcedores e (n=17) torcedoras. Os discursos expostos anteriormente trazem julgamentos como um fator determinante. Isso porque atletas e torcedores de ambos os sexos, estão imersos em paradigmas sociais que percebem uma condição anormal na presença feminina em jogos, torcidas, arbitragens e até em usar uma camisa de time. (LOPES; PIMENTA, 2017)

5.4 CATEGORIA O JOGAR FEMININO

Imagem 9. Charge futebol feminino



Fonte: Blog Pedro Morel

Esta categoria aborda aspectos do jogar feminino sob os discursos de atletas e torcedores. Com a estereotipagem que o futebol carrega consigo por demandar força, brutalidade, rapidez e resistência, surgem prejulgamentos com o *jeito de jogar*.

As jogadoras que possuam essas características são julgadas como *mulheres-macho*. (KOIVULA, 2001). Entretanto, refletimos: se a modalidade tem configurações corporais iguais para os dois sexos, significa deduzir - sob o viés social, que as boas jogadoras são masculinizadas e as más, são feminilizadas – fortalecendo o ideal frágil e incapaz atribuído às mulheres por décadas.

Diante disso, foram originados dois códigos de recorrência a partir das questões norteadoras: *Você acredita que existe preconceito de homens praticantes ou não de futebol para/com jogadoras ou torcedoras? Se sim, como e por quê?; Você acredita que existe preconceito de mulheres praticantes ou não de futebol para/com jogadoras ou torcedoras? Se sim, como e por quê?; Para você, qual sexo é o mais preconceituoso quando o assunto é a prática de futebol por mulheres?*

5.4.1 Código O preconceito entre sexos

Este código trata da percepção do preconceito para/com as jogadoras e torcedoras, por associações à exclusividade da figura masculina nos esportes de contato. Com uma recorrência de 100% (N=64) dos discursos, as questões tinham o objetivo de compreender de que forma esse preconceito é expresso e qual é o sexo mais preconceituoso sob o ponto de vista dos sujeitos. Para isso, analisamos inicialmente as respostas à questão: *Você acredita que existe preconceito de homens praticantes ou não de futebol para/com jogadoras ou torcedoras? Se sim, como e por quê?* Observamos uma unanimidade nas respostas dos atletas em acreditarem existir preconceito, conforme observado nos discursos:

A sociedade é preconceituosa. O jeito de jogar das meninas é diferente do masculino e talvez isso pese por sempre existirem comparações, e não dá pra comparar. (Atleta Masculino 5)

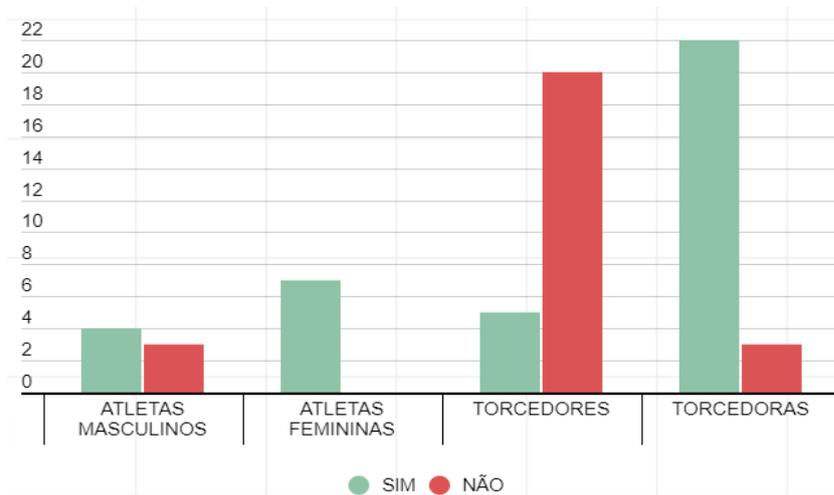
Existe sim, isso não tem fim. Eles dizem que o jeito que a gente joga é feio, fraco, que é coisa de homem, que somos todas sapatões [Sic], mas eu olho pra frente. Não espero que gostem, mas me respeitem. (Atleta Feminina 4)

Sim, são sempre julgadas homossexuais e não saber nada de futebol, nem jogar nem discutir. (Torcedor 13)

Sim, geralmente atribuem o futebol apenas aos homens. Entre os atletas, eles se sentem superiores, muitos dizem que as mulheres não sabem jogar e com relação a torcedoras, vêem como sapatão [sic passim] ou Maria chuteira. (Torcedora 25)

Posteriormente questionamos: Você acredita que existe preconceito de mulheres praticantes ou não de futebol para/com as jogadoras? Se sim, como e por quê? Obtivemos o gráfico:

Gráfico 6. Preconceito de mulheres com jogadoras/torcedoras



Fonte: Dados da Pesquisa

O gráfico anterior expõe que todas as atletas femininas acreditam existir preconceito entre as mulheres sejam praticantes ou não de futebol e 88% (n=22) torcedoras compactuam da mesma opinião. Já no sexo oposto, entre os atletas (n=4) acreditam existirem mulheres preconceituosas e (n=3) discordam; Entre os torcedores, (n=5) pensam que não há preconceito entre mulheres e 80% o equivalente a (n=20) acredita nessa tese. Alguns discursos podem ser observados:

Acho que existe, a sociedade é toda preconceituosa, não é só os homens. As vezes acho que o preconceito maior é feminino. Tem o mito que a mulher não pode jogar, tem que viver com o cabelo arrumado, de maquiagem. (Atleta Masculino 3)

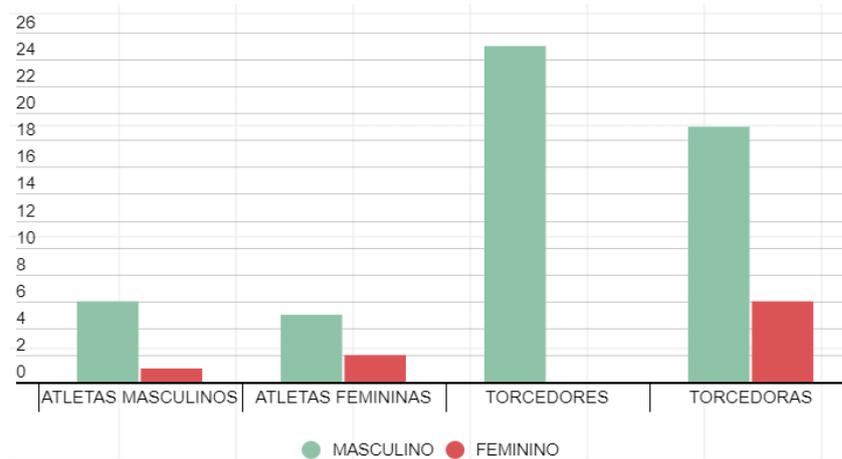
Sim e na minha opinião quando o preconceito vem de mulher, é mais dolorido. Elas sofrem em outros aspectos com essa disputa entre sexos, não deveriam nos fazer sofrer. (Atleta Feminina, 4)

Existe, o preconceito começa em casa, quando os pais e as mães não estimulam e proíbem as filhas jogarem. Isso porque não fomos preparados para lidar com o diferente, com o que sai do nosso controle ou fora daquilo que nos foi imposto pela mídia e pela cultura desde jovens. (Torcedor 21)

Tem muito sim. Tem mulheres que me olham torto só porque eu gosto de usar camisas de time, imagina o que as jogadoras não passam. As vezes numa roda de conversa eu falo do meu time e muitas amigas me censuram só por gostar de futebol. Algumas até disseram: pensei que tu era [sic] sapatão. (Torcedora 17)

Posteriormente, os participantes foram questionados: *Para você, qual sexo é o mais preconceituoso quando o assunto é a prática de futebol por mulheres?* Foi obtido o gráfico:

Gráfico 7. Qual sexo é mais preconceituoso?



Fonte: Dados da Pesquisa

Conforme o gráfico expõe, 85,9% total dos sujeitos sendo: (n=6) atletas masculinos, (n=5) atletas femininas, (n=25) torcedores e (n=19) torcedoras acreditam que o sexo masculino é o mais preconceituoso. Já 10,1% do total investigado, apenas (n=1) atleta masculino, (n=2) atletas femininas e (n=6) torcedoras acreditam que o sexo mais preconceituoso é o feminino, opinião não compactuada entre os torcedores.

5.4.2 Código mulher macho x mulher feminina

No Brasil, as mulheres que praticam futebol são criticadas, masculinizadas e taxadas como homossexuais. Neste campo, a mulher que apresenta uma atitude forte durante os jogos é pejorativamente denominada de lésbica, que em linguajar chulo, se popularizou como *sapatão*, independentemente de homossexualidade. (CRUZ, 2020). Essa terminologia é aviltante para a dignidade dessas que além das dificuldades de qualquer atleta brasileiro, precisam superar preconceitos associados a uma linguagem depreciativa de sua feminilidade, como se mulheres não pudessem desempenhar atividades duras, de contato físico. As atletas investigadas

relataram passar por ofensas machistas por não corresponder aos modelos de identidade entre sexos, para Drumontt (1980):

O machismo enquanto sistema ideológico oferece modelos de identidade, tanto para o elemento masculino como para o elemento feminino: Desde criança, o menino e a menina entram em determinadas relações, que independem de suas vontades, e que formam suas consciências: por exemplo, o sentimento de superioridade do garoto pelo simples fato de ser macho e em contraposição o de inferioridade da menina (p.81).

Neste sentido, ao analisar os discursos obtidos nas questões já mencionadas, identificamos os discursos:

Tem muito machismo, muitas vezes as mulheres nem se envolvem com futebol por ser visto como coisa de homem. Se tem mulher jogando ou assistindo, julgam ser lésbica. (Atleta Masculino 6)

Teve uma vez quando eu era mais nova, a torcida do outro time me chamava de *sapatão*. Aquilo me incomodava demais, eu não sou homossexual, cheguei a apertar meu uniforme, mudar o cabelo, mas percebi que vai além disso. Os gritos continuaram em outras situações e hoje não me importo mais. (Atleta Feminina 2)

Sim! Vejo muitos julgamentos sobre sexualidade e também a carência desse público jogando e nos estádios acompanhando as meninas. Hoje em dia ta [sic] bem melhor. (Torcedor 18)

Já vi casos de preconceito e geralmente acontece porque os homens se sentem donos do futebol. É como uma minimização do potencial feminino. Jogou bem, tem força, é vista como *mulher macho*. (Torcedora 20)

Discursos como esses que reiteram a presença de machismo através da discriminação, do preconceito, de julgamentos por vestes, trejeitos, ou comportamentos, resultaram em uma recorrência de 76,5% entre os sujeitos analisados. Sendo destacado por (n=4) atletas masculinos, (n=6) atletas femininas, (n=18) torcedores e (n=21) torcedoras.

5.5 CATEGORIA ATLETAS ALÉM DOS 90 MINUTOS

A carreira esportiva é sonho de milhares de jovens brasileiros. Tal fato se deve à influência midiática, que enaltece atletas como heróis estimulando “(...) o imaginário de crianças e adolescentes a crença na possibilidade de mobilidade social e econômica pelas vias do futebol”. (MELO *et al.*, 2016, 401). A busca pelo

reconhecimento e por melhores condições socioeconômicas faz com que atletas amadores se motivem a prosseguir até a carreira profissional.

Entretanto, não existem apenas vantagens. A vida de atleta é repleta de enfrentamentos – sociais, econômicos, culturais e também de incertezas até no que se refere a permanência no esporte. Além disso, existe a falta de reconhecimento, de apoio, patrocínio e incentivos em geral. (MARQUES; SAMULSKI, 2009). Com isso, essa categoria abarca dois códigos que trazem razões para permanência ou defasagem esportiva: *apoio socioafetivo* e *Enfrentamento social e/ou financeiro*.

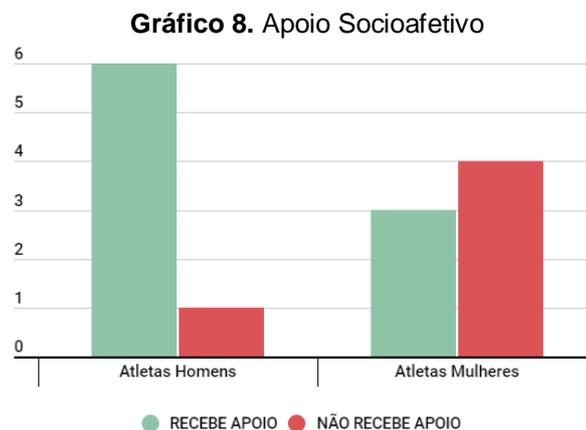
Imagem 10. Charge ser atleta é o pódio



Fonte: Groeland.blogspot

5.5.1 Código Apoio socioafetivo

Este código trata dos fatores sociais externos que afetam a prática do futebol, pois analisa aspectos como a influência dos familiares, amigos e relacionamentos afetivos. Para Vilani e Samuski (2002) esses fatores são determinantes para o desenvolvimento das atletas, já que a boa evolução se deve ao incentivo da família - de vínculos socioafetivos em geral, além do apoio psicológico no decorrer da carreira. Diante do mencionado questionamos aos/às atletas: *Você recebe apoio afetivo na prática do Futebol? Caso positivo, de quem?*; De acordo com o gráfico:



Fonte: Dados da Pesquisa

Ao analisar o gráfico, observamos que apenas um atleta declarou não receber apoio. Entre as mulheres, o equivalente a 57,1% (n=4) compactua da mesma situação. Os demais atletas masculinos (n=6) sujeitos, afirmaram receber apoio da família, amigos, torcedores e relacionamento afetivo; Entre as (n=3) atletas que recebem apoio socioafetivo, todas relataram apoio dos torcedores e das amigas. Porém, apenas duas têm apoio familiar e de relacionamentos afetivos. Posteriormente questionamos: *Como sua família reagiu quando soube que você iria praticar o futebol?* Seguem alguns depoimentos abaixo:

Me apoiaram desde do início, meus pais me levavam às peneiras. [seletivas para equipes de futebol] (Atleta Masculino 2)

Felizes, esperança de uma vida melhor. (Atleta Masculino 5)

Disseram que futebol não dava dinheiro e eu ia passar fome. (Atleta Feminina 7)

No início mal, se preocuparam com julgamentos, a distância, porém hoje sentem muito orgulho. (Atleta Feminina 4)

O conhecido machismo está refletido nesses discursos, o primeiro e inicial espectro social, que é a família, não entra como suporte à prática do futebol feminino. Mas, se coloca como um empecilho e elemento de descrédito para a atleta. Entre o total de discursos das atletas femininas, achamos (n=6) nesta direção. Quantidade representativa dos dias atuais, pois reflete o sexismo disfarçado, em que a mulher tem espaços limitados e precisa investir mais energia que os homens para transpô-los.

5.5.2 Código Enfrentamento social e financeiro

A profissionalização do futebol pode gerar boas remunerações e estabilidade financeira como qualquer forma de trabalho. Porém, até a consolidação de uma carreira na modalidade, pode haver uma desarmonia entre ônus e bônus dessa escolha. Dados da CBF apontam que a maioria dos jogadores são mal pagos - recebem até um salário mínimo, enquanto uma minoria - cerca de 5% recebe acima de 10 salários mínimos. No futebol feminino a situação ainda é mais negativa e aproximadamente 2% das jogadoras brasileiras recebem acima de 10 salários mínimos. Esses dados evidenciam que a expectativa de altas rendas, pode ser frustrada, já que o idealizado pela mídia é alcançado por uma minoria. Diante do

exposto e da necessidade em se manter na busca do alto rendimento, muitos atletas têm uma carreira dual: persistem no sonho de jogar, mas têm sempre uma segunda alternativa profissional. (AQUILINA, 2013).

Além disso, o debate entre espaços ideais para os gêneros foi e é muito discutido. Essa dicotomia de espaços femininos e masculinos sempre existiu, a sociedade em geral - Família, amizades, relacionamentos, torcedores fazem com que esse impasse perdure, principalmente para/ com as mulheres. As questões financeiras e enfrentamentos sociais são evidenciados nos discursos a seguir:

No início eu joguei com chuteiras emprestadas. O que ganhava só dava para as passagens, todo mundo dizia que eu ia passar fome, insisti, trabalhei em outra área e graças a Deus estou aqui. (Atleta Masculino 2)

Tem dias que o treino não rende. Eu fico cansada, preciso estudar e trabalho em outro lugar para conseguir sobreviver. Eu penso em tudo de ruim que já me falaram. Varias vezes pensei em desistir, mas lembro de tudo que já passei e vejo que minha vida é o futebol. (Atleta Feminina 1)

5.6 CATEGORIA A GRANDEZA DE TORCER POR UM TIME PEQUENO

A relação entre o torcedor e o clube é física, emocional, visceral. O torcedor veste seu uniforme e vai para o estádio, deixando a razão em casa. Ele grita, xinga, vaia e aplaude. O torcedor ama o seu clube e até tolera decepções. (SÁ, 2019)

Para Silva *et al.* (2016), torcer é entusiasmar-se, acompanhar e incorporar-se à trajetória de um time. O torcer é complexo, carrega aspectos motivacionais intrínsecos e extrínsecos, representações de pertencimento e fatores culturais que estimulam as pessoas torcerem contra ou a favor de um time. (TOLEDO, 2010). Para Salvador (2017),

Pela língua portuguesa, você é um fã do seu time. Um apoiador. Em Portugal, um adepto. O culpado por você ser um “torcedor” é Coelho Neto, jornalista carioca do início do século XX. Na época o futebol já era bastante elitizado, e mulheres muito elegantes acompanhavam o Fluminense nas arquibancadas. E elas torciam suas luvas durante o jogo. (p. 1).

A Paraíba não tem muita expressão no futebol nacional. Atualmente, os melhores times do estado estão na terceira divisão do campeonato brasileiro. Em todas as regiões da Paraíba é comum observar pessoas usando camisas de clubes de outros estados, para Damo (2007) *apud* Leite (2017) isso se justifica parcialmente pela carência de expressividade nacional:

O poder simbólico que o pertencimento clubístico propõe e que está ligado ao capital afetivo (ligado às emoções do torcer em um jogo), ao capital esportivo (ligado a necessidade da vitória) e ao capital econômico (ligado ao poder material do clube). (LEITE, 2017 p. 18)

Diante disso, a escolha por clubes da região sudeste surge como alternativa. Entretanto, existem engajamentos emocionais, sensações de pertencimento individuais ou coletivas e generalizar a escolha por clubes de outras regiões, desmerece o sentimento clubístico que é composto por “valores, identidades locais, regionais e nacionais”. (DAMO, 2007, p.66).

Essa discordância entre torcer ou não apenas por times locais, gera discussões sobre o torcedor *misto* – aquele que se divide em um time local e outro nacional. Por um lado, pode haver xenofobia no discurso local, por outro, justifica-se, pois o objetivo é a valorização do local de forma não violenta. Em depoimento ao portal online submundo fc., Domenico (2015) descreve torcer por um time pequeno como uma aventura sem fim:

Você simplesmente não sabe o que te espera na próxima curva, por isso comemorar nunca é demais. Cada vitória, cada ponto, cada gol, cada jogo incrível contra um grande deve ser comemorado. (...) Se você torce para um grande, não entende. Afinal, como torcer para um time que não vai te dar a chance de sonhar com um título? Bom, se não sonhamos, imaginamos e acreditamos. Bom, não vai acontecer, não tão cedo. Mas isso não importa, pois pra quem recebe pouco, qualquer trocado é fortuna. (DOMENICO, 20/07/2015)

O torcer e os torcedores têm papel relevante para os clubes do futebol paraibano, para atestar, basta realizar uma breve análise de alguns hinos:

[...] Sua torcida é uma legião e a cada dia sempre cresce mais. (Hino do Treze)

[...] Somos torcida vibrante, raposa aguerrida (Hino do Campinense)

Esta categoria trata do torcer Paraibano. Com a finalidade de compreender os torcedores da Paraíba os clubes escolhidos, bem como as razões e estímulos que levaram a essa escolha, questionamos: *por qual time você torce? E posteriormente, na tentativa de explicar o envolvimento das pessoas com os times: por que você torce para esse time? Através dessa, foram originados cinco códigos de recorrência: Influência familiar; Sou paraibano (a) e meu time também; Amor, paixão; Identificação com a história do clube; idas aos estádios.*

Nesse ultimo código referente às idas aos estádios incorporamos mais questões: *Você costuma frequentar estádios para assistir jogos do seu time? CASO NÃO COSTUME, Quais motivos te levam a não ir aos estádios? CASO COSTUME ACOMPANHAR, Você costuma viajar para outros locais?; Com quem você costuma ir aos estádios?*

5.6.1 Código Sou Paraibano (a) e meu time também

Não pense que falarei do futebol dos milhões,
Jogadores que ganharam os títulos nas seleções,
Quero falar das peladas,
Das partidas bem disputadas nas quebradas dos sertões.
(Valentim Quaresma, Santa Helena-PB, 2009)

Este código expressa a ideia de pertencimento clubístico identitário local por Damo (2007). Questionamos aos torcedores: *Para qual time você torce?* As respostas oscilaram entre sete times: Sousa, Treze, Atlético de Cajazeiras, Botafogo, Campinense, Esporte Lagoa Seca e Nacional de Patos, expostos por região:

Imagem 11. Times Paraibanos e sua distribuição por mesorregião



Fonte: Dados da Pesquisa

Entre os torcedores, os times mencionados por ordem quantitativa foram: (n=10) botafogo, (n=5) Treze, (n=4) Campinense, (n=3) Sousa, (n=2) Nacional de Patos, (n=1) Esporte Lagoa seca. Já entre as torcedoras foram citados: (n=12) Botafogo, (n=6) Campinense, (n=3) Treze, (n=2) Sousa, (n=1) Nacional de Patos e (n=1) Atlético de Cajazeiras. Questionados sobre a razão de torcer pelo time informado, esse código teve 42% de recorrência e foi citado por (n=10) torcedores e (n=11) torcedoras, dos quais, responderam:

Porque é o time que representa minha terra e minhas origens.
(Torcedor 21)

Torço porque é o maior do estado e é o time que representa minha cidade.
(Torcedor 6)

Por representar o meu povo. Tenho orgulho de ser Paraibana e por isso valorizo tudo daqui em vez do que é de fora. (Torcedora 13)

Porque amo meu lugar e tudo que ele oferece, se tem time da cidade, não vejo porque torcer pelos de fora. (Torcedora 25)

O debate sobre torcer ou não para times de fora, gera a caracterização dos mistos como sujeitos manipulados pela mídia sudestina, que não valorizam seus times locais. Enquanto os mistos se protegem com o direito à livre escolha. (VASCONCELOS, 2011). Para Pereira (2011) no blog ESPN, “se as pessoas torcessem mais pelos times de suas cidades eles seriam mais fortes, afinal, atrairiam públicos maiores e ampliariam a capacidade de arrematar sócios. (...) Com poucos a apoiar tais clubes, eles ficam cada vez mais frágeis.”

Nesse sentido, alguns clubes paraibanos organizaram o movimento *Sou paraibano (a) e tenho time para torcer*. Esse movimento consistia em várias manifestações nos estádios, na internet, além de campanhas de *marketing*, com a finalidade de fortalecer essa ideia de pertencimento local, citando razões para não se torcer por um clube *de fora*.

Imagem 12. Sou paraibano e tenho time para torcer



Fonte: youtube.com/golsdalampions

5.6.2 Código Influência familiar

Este código retrata a influência familiar paraibana na escolha do time. Surgiu a partir da questão: *por que você torce para esse time?* Tal qual atingiu uma recorrência de 34% entre as narrativas dos sujeitos, sendo mencionado por (n=8) torcedores e (n=9) torcedoras como os discursos abaixo:

Torço desde 9 anos de idade, e foi por influência do meu avô que era campinense roxo. (Torcedor 22)

Torço por meu pai que era muito fanático, passei a ser também. (Torcedor 1)

Minha família é toda botafoguense e isso influenciou. Torço desde que nasci (Torcedora 18)

Herança familiar, não tinha como ser diferente. (Torcedora 20)

Para Ovídio e Guerra (2018) na infância independentemente da idade, dependendo do fanatismo, o ser já se acostuma com o time que praticamente é batizado. Durante a socialização, a criança seleciona traços familiares e incorpora à sua construção de personalidade. Dessa forma é possível afirmar que a família tem grande poder de influência na vida da pessoa em formação, que mesmo sem ter a certeza dos seus gostos e preferências, adere gostos de familiares. (SANTOS, 2005).

Imagem 13. Influência familiar na escolha do time



Fonte: Acervo da Pesquisadora

5.6.3 Código Amor, paixão

(...) chega ao estádio embrulhado na bandeira do time, a cara pintada com as cores da camisa adorada, cravado de objetos estridentes e contundentes, e no caminho já vem fazendo muito barulho e armando muita confusão. Nunca vem sozinho. (...) Em estado de epilepsia, olha a partida, mas não vê nada. Seu caso é com a arquibancada. (GALEANO, 1995)

O amor é um tema comum em várias áreas, como a filosofia, psicologia, neurociência. Entretanto, popularmente falando, o conceito geral de amor é a ação de estabelecer um vínculo emocional com algo ou alguém, que seja capaz de receber este comportamento amoroso e enviar estímulos sensoriais e psicológicos necessários para a sua manutenção e motivação. (ALMEIDA e LOMÔNACO, 2018).

Paixão para Rubio (2018) é dedicar-se com fervor a atividades prazerosas, atribuir significados aquilo que é investido tempo e energia. No esporte, paixão é identificar a razão de sua existência: seja em treinos, competições, superação do preconceito, e outros fatores. (RUBIO, 2018). Trouxemos alguns discursos sobre essa temática:

Sou fanático, torço por paixão. (Torcedor 24)

Um amor incondicional me faz torcer. (Torcedor 14)

Amo meu time, só o amor me mantém torcendo. (Torcedora 8)

Torço por paixão ao Naça [Nacional de Patos]. (Torcedora 19)

No Brasil, o amor ou a paixão pelo futebol são evidentes e as maiores rivalidades entre as torcidas acontecem entre representantes de uma mesma cidade ou estado. Damo (1998, p.67) acredita que “A paixão por um clube, seja qual for, implica também na aversão por outro”. Este código trouxe o amor e a paixão pelo futebol como razões para torcer pelo time escolhido. Citado por 24% dos sujeitos, dos quais (n=8) torcedores e (n=4) torcedoras.

Imagem 14. Torcida Botafoguense



Fonte: @ImperioAlvinegro

Imagem 15. Torcida Trezeana



Fonte: Ge.globo.com

5.6.4 Código Identificação com a história do clube

A identificação com a história do clube é um sentimento comum entre torcedores. Reconhecer-se entre os princípios e características socioculturais é um dos fatores determinantes na escolha do clube do coração. Diante disso, o fator *identificação com a história do clube* foi citado por 22% dos sujeitos, dos quais (n=6) torcedores e (n=5) torcedoras, conforme os discursos seguintes:

Comecei a torcer porque achei os princípios e a história do clube fantástica. (Torcedor, 12)

O principal motivo foi a identificação com o clube, a história. (Torcedor 18)

Escolhi ser raposeira porque conheci mais a história do meu time. (Torcedora 23)

Torço desde a adolescência por vontade própria, quando vi como era a história gostei demais. (Torcedora 10)

Para Corat (2016), o reconhecimento com um time surge através da relação entre os indivíduos, seu interesse – histórico, social, cultural – e a sensação de pertencimento ao clube. O esporte é um dos principais fenômenos socioculturais e foi consolidado através da propagação de valores e comportamentos. Os torcedores se consideram parte dessa propagação, mais que atletas, treinadores ou fãs, há um simbolismo identitário nesse grupo. (HEERE e JAMES, 2007; GALLATTI, 2010)

Imagem 16. Identificação com a história do clube



Fonte: *Twitter* @Setor31

5.6.5 Código *Idas ao estádio*

Ondulam as bandeiras, soam as matracas, os foguetes, os tambores, chovem serpentinas e papel picado: a cidade desaparece, a rotina se esquece, só existe o templo. (...) Aqui o torcedor agita o lenço, engole saliva, engole veneno, come o boné, sussurra preces e maldições, e de repente arrebenta a garganta numa ovação e salta feito pulga abraçando o desconhecido que grita gol ao seu lado. (GALEANO, 1995)

As torcidas possuem relação com o clube, jogadores e torcedores, que gera laços. O torcedor transforma o estádio na sua segunda casa, apoia seu time, compra produtos, se torna sócio, influencia outros torcedores. (ESPARTEL *et al.* 2009, p.60). Existem várias formas de torcer por um time, desde acompanhar jogos

por meio das mídias esportivas a frequentar estádios nos dias de jogos – sozinho ou acompanhado - a maneira que se torce é singular a cada torcedor ou torcedora.

Este código faz referência às idas aos estádios como razão de torcer por um clube. Além disso, analisa o perfil da torcida paraibana, bem como suas divergências entre gêneros: presenças/ausências nos estádios, locais e acompanhantes. Quando os torcedores foram questionados sobre a razão de torcer por um clube, percebemos que as idas ao estádio foram fator relevante – em alguns casos foi determinante para essa tomada de decisão. Este código teve uma recorrência de 24% sendo apontado por (n=5) torcedores, (n=7) torcedoras, como narram os discursos:

Torço desde criança, fui no [sic] amigão e enlouqueci faz mais de 20 anos (Torcedor 15)

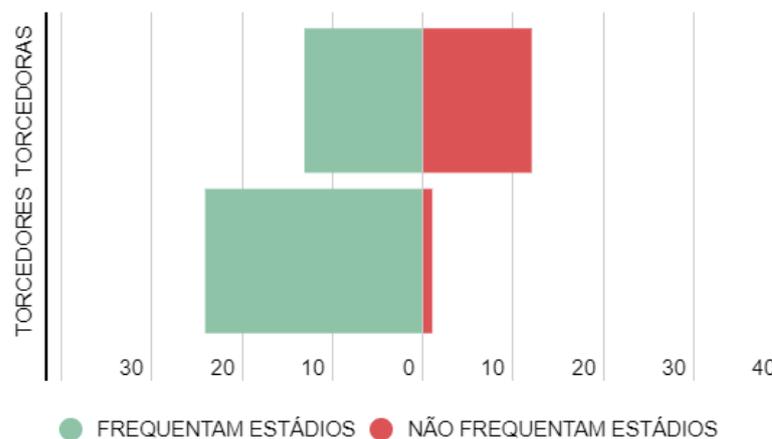
Desde 1996 quando fui pela primeira vez ao Estádio com 11 anos de idade. (Torcedor 2)

Me apaixonei pelo time e pela torcida quando fui ao estádio pela primeira vez (Torcedora 21)

Passei a torcer ao acompanhar os jogos no estádio. A atmosfera que a torcida cria é surreal. Abraça da mais nova à mais antiga torcedora. (Torcedora 9)

Apesar de se apresentar como razão determinante na escolha do time, a baixa adesão feminina nos estádios da Paraíba era um fator esperado pela pesquisadora, por produções de autores como Araújo (2019), Moraes (2017) e Silva (2017). Diante do exposto, os sujeitos também foram questionados: *Você costuma frequentar estádios para assistir jogos do seu time?*

Gráfico 9. Frequência de ida aos estádios por sexo

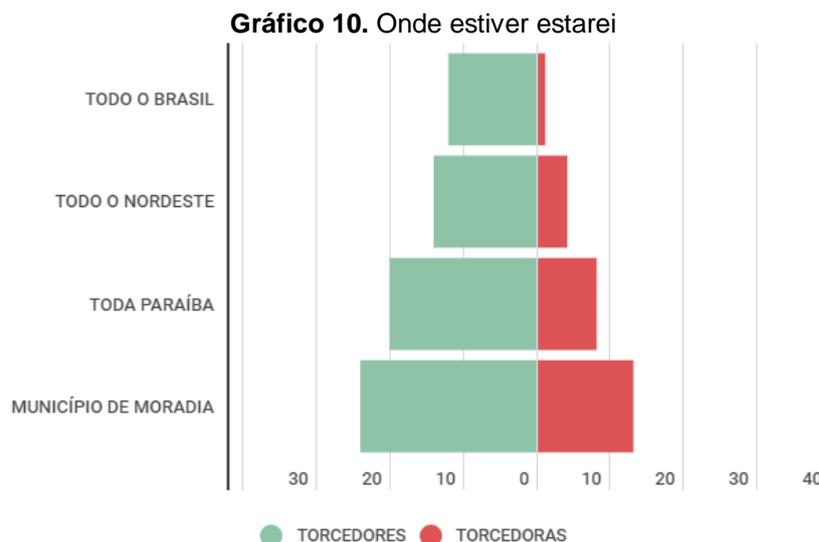


Fonte: Dados da pesquisa

Constatamos uma predominância masculina nos estádios de futebol. Entre os torcedores (n=24) são frequentadores aos estádios, enquanto entre as torcedoras apenas pouco mais da metade das entrevistadas, o equivalente a (n=13) costumam assistir jogos das arquibancadas. Vale salientar que existem fatores que impedem às idas aos estádios, com a finalidade de identificar estes empecilhos, questionamos: *Quais motivos te levam a não ir aos estádios?*

O único torcedor que relatou não frequentar estádios citou a falta de dinheiro como razão. Já entre as torcedoras, as razões foram diferentes: (n=4) alegaram falta de companhia, (n=5) disseram não se sentir seguras, (n=3) consideraram o ambiente do estádio hostil. Tais inseguranças e hostilidades de ambiente mencionadas fazem com que estabeleçamos relações entre a ausência de torcedoras e atitudes machistas, já que o motivo citado pelo torcedor não têm relação com problemáticas de gênero, apenas as mulheres relataram esses fatores.

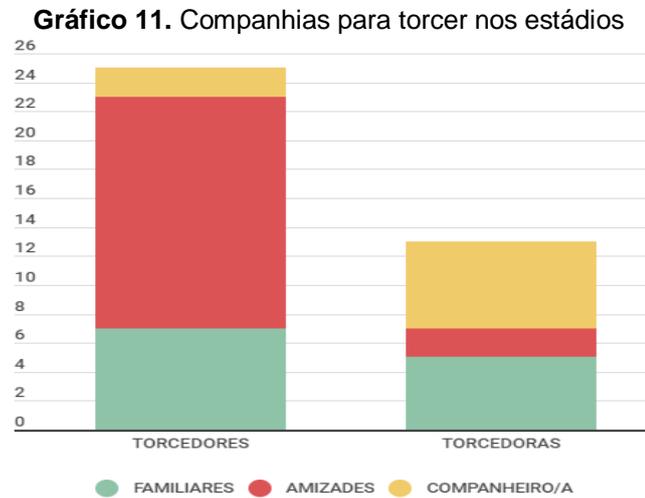
Posteriormente, por compreender o fanatismo futebolístico como um fator que une torcedores e fideliza a presença onde o time estiver jogando, questionamos as pessoas que costumam acompanhar o clube nos estádios quais eram esses locais que assistiam aos jogos: município de moradia, em todo o estado, por todo nordeste ou todo o país concluindo que:



Fonte: Dados da Pesquisa

Entre os torcedores, observamos que (n=24) acompanham seu clube no município de moradia, (n=20) viajam por toda Paraíba, (n=14) pelo Nordeste e (n=12) por todo País. Enquanto entre as torcedoras, a quantidade de apoio presencial ao clube foi bem menor: (n=13) acompanham jogos no município de

moradia, (n=8) presença jogos por todo estado, (n=4) viajam por todo Nordeste e apenas (n=1) viaja por outras regiões do Brasil. Questionamos ainda: *Com quem você costuma ir aos estádios?*



No que se refere a ir aos estádios com companhia, percebemos que a maioria das torcedoras são acompanhadas por pessoas dos círculos familiares (n=5) ou parceiro amoroso (n=6). Apenas (n=2) torcedoras costumam ir aos estádios com as amizades. Já entre os espectadores masculinos, as amizades são a principal companhia para (n=15) sujeitos, posteriormente os familiares (n=7) e por último (n=2) as/os suas/seus companheiras/os. Observamos que apesar da divergência numérica de frequentadores às arquibancadas, o equivalente a 46,1% das mulheres buscam ir junto aos/as seus/suas companheiros/as. Enquanto entre os torcedores, essa situação se inverte: apenas 8,3% têm esse hábito.

5.7 CATEGORIA TORCIDA: SUBSTANTIVO FEMININO

Você já entrou, alguma vez, num estádio vazio? Experimente. Pare no meio do campo, e escute. Não há nada menos vazio que um estádio vazio. Não há nada menos mudo que as arquibancadas sem ninguém. (GALEANO, 1995)

A mulher sempre fez parte do futebol, inicialmente de forma discreta com limitações impostas por lei. Embora tenha apresentado nos últimos anos um crescimento notável da participação feminina no universo futebolístico, a hegemonia masculina perdura. (GASTALDO, 2009). Para Silva (2017), a crescente inserção da mulher na torcida é ofuscada além da estereotipagem de gênero, por essa soberania

masculina. É evidente que as mulheres precisam lutar para integrar esse âmbito. A presença feminina nos estádios está propensa a estereótipos, há a necessidade de incorporar funções além do torcer ou jogar, Moraes (2017) explica duas dessas funções:

Sexualizada, a “maria-chuteira”, ora ao ideário de masculinidade, a “mulher-macho”. É notório que ambas desinências compõem um espectro que a afasta deste “ser-que-torce” e a aproxima da sua existência em função de, e/ou alinhada ao universo do masculino. (MORAES, 2017, p. 5).

Diante dessa realidade, questionamos aos atletas e torcedores: *Você concorda com a masculinização/sexualização atribuída às mulheres torcedoras de futebol? Por quê?; Sobre essa masculinização/Sexualização que você percebeu, como/ por que ela acontece?* Os discursos originaram sete códigos de recorrência: *Sexismo na torcida; masculinização das torcedoras; Participações femininas: Omissão dos clubes e da mídia; O torcer e o Apoio socioafetivo; Hostilidade ecoada nos estádios ; As mulheres machistas e a carência de sororidade feminina.*

5.7.1 Código Sexismo na torcida

Durante a pesquisa, observamos a rivalidade entre os principais clubes paraibanos das arquibancadas. Constatamos que os torcedores relacionam práticas sexuais com superioridade clubística, no qual o time inferiorizado é associado ao penetrado na prática do sexo, se homem, à homossexualidade. A passividade no ato sexual estaria relacionada ao que é frágil, feminino, enquanto ser ativo mesmo que com outro homem, parece não ter a masculinidade diminuída. Para Freud, (1932), ainda que as relações supostas fossem heteroafetivas, confundir feminilidade com passividade e masculinidade com atividade constitui, é um grave erro.

Para os LGBTQs, essas relações discriminatórias presentes nos cânticos, são ações machistas que acontecem para afastar possíveis ameaças um padrão do que é masculino: o homem cis, hétero e branco como ideal biológico e social. O feminino aqui, se apresenta como incompleto, frágil, existente para servir ao masculino. (OTINIANO-VERISSIMO, 2014). Seguindo essa linha de inferioridade, a justificativa de que o futebol feminino seria *tecnicamente ruim*, se disseminou fazendo com que os homens não se interessassem por assistir as mulheres jogando. Esse processo gerou uma divisão já ultrapassada: futebol masculino é assistido por homens, enquanto o feminino é visto pelas mulheres. (LUZZI, 2021)

Para Gomes (2021), os homens não só têm repulsa pelo futebol feminino como escolhem odiá-lo todos os dias. Os casos de misoginia são freqüentes, entre torcedores ou integrantes dos próprios clubes como Sergio Ramos, ex-conselheiro do Santos que falou em 2021, durante uma *live*: “Campo de futebol não é lugar de mocinha. Mocinhas no campo de futebol são aquelas que a gente enche de porrada e tira de lá, porque não têm que estar lá. Futebol feminino é um lixo. Não assisto uma porcaria dessa de jeito nenhum”.

Perceber que a discussão dessa temática é pertinente nos motivou a compreender de que forma esse sexismo é confirmado. Este código refere-se a narrativas que evidenciam a presença do sexismo nas torcidas paraibanas. Com uma alta recorrência, foi mencionado por 59,3% do total de sujeitos dos quais: (n=2) atletas masculinos, (n=4) atletas femininas, (n=11) torcedores e (n=21) torcedoras, seguem alguns discursos:

Discordo desse preconceito, o futebol é um espaço para todos independente de gênero. Sei que existe pelo sexismo que historicamente construiu que o futebol é algo apenas para homens (Torcedor 10)

Discordo do preconceito, apesar dele existir. Muitos homens acham que por eu ser mulher, não sei oq acontece no mundo do futebol, parece que tem raiva só porque eu tou [sic passim] lá já me olham torto quando grito, canto pelo meu time, tou nem aí. Já aconteceu de me chamarem de Maria chuteira e sapatão (Torcedora 18)

Não concordo, existe a ideia de que o esporte em geral, o futebol principalmente não é para mulher. Já vi muitas ofensas às tocedoras [sic]. (Atleta masculino 4)

Acontece por sexismo, parece que tem raiva quando vê uma mulher torcendo, acham que vão pra dar em cima dos jogadores, que não entendem o que tá [sic] acontecendo. (Atleta feminina 8)

Consideramos muito gratificante ler algumas respostas, pois elas nos mostraram que apesar de existirem desmerecedores ao futebol feminino, existem pessoas que respeitam e apoiam a causa. Todavia, piadas machistas, demonstrações de raiva, ofensas, tentativa de silenciar as mulheres e assédios ocorridos nos estádios, evidenciam um quadro de sexismo comum na maioria das torcidas do Brasil, aqui na Paraíba não é diferente. Para Araújo (2009), existe um manual para as torcedoras superarem os impasses das arquibancadas, já que a sua presença não é bem vista nesse local:

A torcedora aprende desde muito nova que sua presença não é bem vista no ambiente futebolístico. “Não use short curto”; “Não use maquiagem”; “Vá de tênis e cabelo preso”; “Não use camisa muito justa ao corpo”, o manual de sobrevivência das torcedoras inclui uma série de normativas para mascarar sua feminilidade. (p. 14).

As torcedoras costumam ser dissociadas do futebol muitas vezes apenas por ser mulher. Elas sentem a necessidade de demonstrar que não só gostam como compreendem o futebol, isso porque para a sociedade, ainda há a carência de credibilidade no torcer destas mulheres. (COSTA, 2006, p. 4).

5.7.2 Código masculinização/ sexualização da torcida

Imagem 17. Direito de torcer



Fonte: Acervo instagram @Setor31

No futebol profissional brasileiro, apenas os campeonatos masculinos têm calendários fixos e sempre carrega multidões aos estádios - mais homens que mulheres. Apesar da crescente participação feminina, os estádios de futebol atrelam valores sociais de gênero masculino. Aquele torcedor pode com intensidade gritar, xingar, discutir, gesticular, sem pensar em conseqüências, porque suas ações são normalizadas. Já se uma mulher se propuser a fazer o mesmo, tem sua imagem feminina, associada ao homem. (OLIVEIRA, 2021).

Partindo da ideia de que seria interessante analisar as perspectivas dos torcedores e torcedoras sobre a masculinização da torcida, indagamos aos sujeitos: *Sobre essa masculinização/ sexualização que você percebeu, como/ por que ela acontece?* Este Código obteve uma recorrência menor que a masculinização atribuída às atletas, 26,5% sendo (n=1) atletas masculinos, (n=3) atletas femininas, (n=4) torcedores e (n=9) torcedoras. Entretanto, a estereotipagem permaneceu entre as torcedoras, conforme pode ser observado nos discursos:

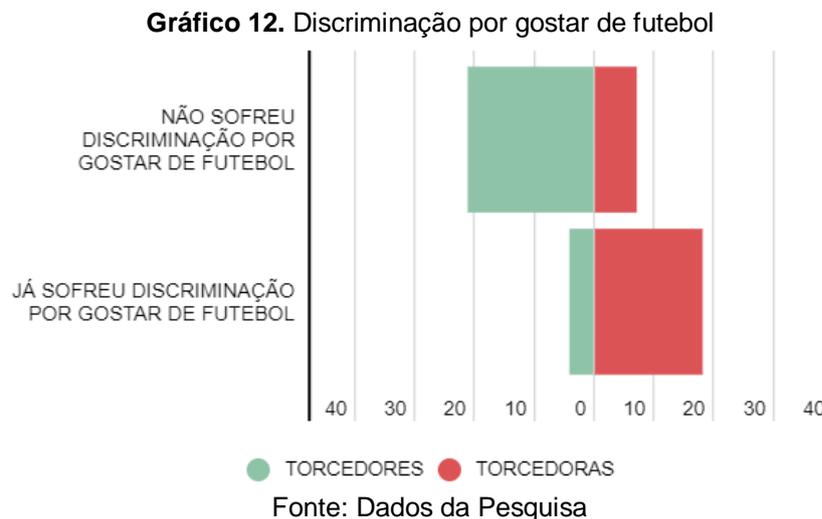
Eu não percebo masculinização. Porém, percebo que não tem muitas mulheres presentes no estádio, não sei se por falta de companhia, pela estrutura do estádio, ou por alguma situação desagradável. Mas penso que independente do problema, as mulheres devem relatar e deixar explícito, para que o estádio seja um lugar de lazer. (Torcedor 15)

A sociedade é leiga, dizem logo que vou atrás de jogador pra namorar ou então que sou lésbica. (Torcedora 11)

As mulheres tem[sic] seu espaço compartilhado entre os homens e pelo que tenho acompanhado nos jogos percebo respeito. Vejo muitas mulheres que se preocupam com sua beleza para irem ao campo. (Atleta Masculino 3)

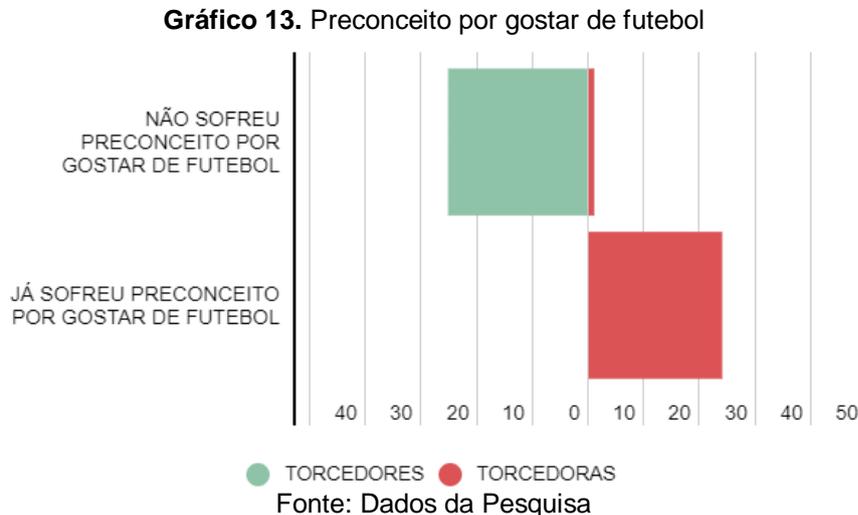
Acho que são julgadas, sempre serão. Se não for como *sapata*, é como puta. (Atleta Feminina 7)

Reafirmações sociais machistas fazem parecer que a mulher está em inconsonância ao idealizado para o gênero feminino, só por gostar de futebol. O conflito de *ser mulher e parecer homem* para a sociedade gera inquietações que podem modificar posturas, condutas e não obstante, afastar as torcedoras dos estádios, do seu time, além de criar uma rejeição pelo simples fato de gostar de futebol. Além da questão anterior, perguntamos se os sujeitos já haviam sofrido algum tipo de preconceito ou discriminação apenas por jogar/acompanhar futebol. Obtendo os gráficos abaixo:



Constatamos com as respostas dos torcedores, a presença de discriminação por gostar/acompanhar o futebol. Todavia, observamos que a diferença quantitativa entre sexos foi enorme. Ao analisar o gráfico 12, referente às discriminações sofridas, percebemos que o equivalente a 72% das torcedoras voluntárias (n=18) relataram sofrer algum tipo de discriminação por gostar ou acompanhar futebol,

enquanto apenas (n=4) torcedores passam pela mesma situação, o equivalente a 16% dos torcedores investigados.



No que se refere ao gráfico 13, que aborda a presença de preconceitos no gostar/ acompanhar futebol, a diferença entre gêneros é ainda maior. Enquanto nenhum torcedor afirma ter sofrido preconceito por gostar de futebol, apenas (n=1) torcedora relatou não ter passado por esse impasse. O quadro de preconceito sofrido é inverso, enquanto não há registros entre os torcedores, 96% (n=24) das torcedoras confirmou já ter vivenciado essa problemática.

5.7.3 Código Participações femininas: Omissão dos clubes e da mídia

A mídia brasileira sempre clama por igualdade de direitos, critica a falta de apoio ao futebol feminino, mas a própria demonstra-se incoerente através de comparativos durante os jogos, sobre os gêneros: fisiologia, técnica, fluidez de jogadas, entre outros aspectos. Assim como o futebol é um reduto masculino, a mídia esportiva também, composta em sua maioria por narradores, comentaristas. A televisão aberta não realiza transmissões do futebol feminino com a mesma frequência do masculino, assim como nos jornais online, portais de notícia, canais esportivos online não oferecem cobertura igualitária. (MISKOLCI, 2009). Para Oliveira (2014):

A mídia e também empresas e eventos esportivos, especialmente em eventos ligados ao futebol, investem grande parte de suas propagandas publicitárias destinadas a um determinado grupo. Ou seja, aos homens que

tenham poder de compra dos materiais esportivos e das entradas em eventos esportivos. Há a destinação desses artigos esportivos para as mulheres ainda é muito pequena se comparada aos homens. (p.100)

Faltam incentivos governamentais, apoiadores, patrocinadores para angariar fundos e aumentar o número de transmissões para divulgar o futebol feminino. Na perspectiva de Miskolci (2009), ao direcionar imagens e propagandas ao público masculino, se fortalece a cultura de que o futebol é *deles*, dificultando a inserção feminina nesse campo. Como se não bastasse, há ainda a omissão de muitos clubes no que se refere à defesa dos direitos das torcedoras e jogadoras. Este código foi uma inquietação demonstrada não em uma, mas várias questões do roteiro, expressa por atletas e torcedores/as, conforme os discursos que seguem:

Tem muito preconceito ainda porque quase não é divulgado, não passa nada na TV, só quem tem alguma conhecida sabe a data das competições. (Atleta Masculino 2)

Os programas esportivos só mostram os gols do masculino, como se os campeonatos femininos nem existissem. (Atleta feminina 6)

[...] muitas vezes as mulheres são excluídas da torcida ou do próprio futebol. Acredito que por falta de um incentivo maior de todos os clubes na interação com as mulheres. (Torcedor 22)

Ainda tem o pouco espaço dado para mulher debater sobre decisões dos clubes, participar de cargos de chefia, comissões. (Torcedora 24)

A temática das participações femininas, bem como a influência da omissão dos clubes e da mídia nesse sentido, conseguiu uma recorrência de 34,3% do total de sujeitos sendo: (n=5) torcedores, (n=11) torcedoras, (n=2) jogadores, (n=4) jogadoras. A carência de participação, de atenção das mídias e clubes, para Deive (2005) se origina do padrão desportivo masculino que considera a mulher como *esportistas de segunda classe* – no torcer, nas contribuições aos clubes ou no jogar. Não há como clubes lutarem pela causa feminina, se não há a participação das mulheres nessas equipes. Da mesma forma, a mídia não vai atribuir o valor que o futebol feminino merece enquanto só existirem homens nos bastidores.

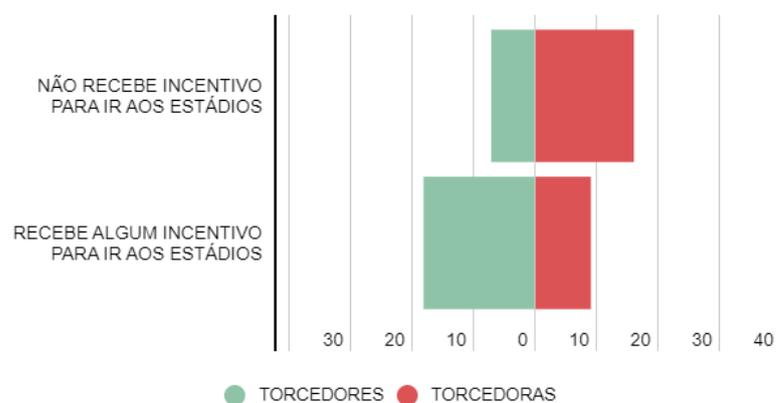
5.7.4 Código O torcer e o Apoio socioafetivo

No decorrer da história do esporte brasileiro, o incentivo, apoio, as oportunidades, atribuídas às mulheres e aos homens, foram e permanecem

divergentes: na gestão, administração ou participação. (GOELLNER, 2003). O fator socioafetivo integra a formação do ser em todas as áreas. Como componentes desse grupo, podem ser citados a família, religião, amizades, relacionamentos amorosos entre outros. (MARTINDALE et al., 2010).

Com a finalidade de compreender de que forma acontece o apoio socioafetivo ao torcer paraibano, questionamos: *Alguém te incentiva a ir aos estádios?* E conseguimos o gráfico abaixo:

Gráfico 14. Incentivo para ir aos estádios



Fonte: Dados da Pesquisa

Para Rodrigues (2019), existem três tipos de apoio socioafetivo. Há o positivo no qual há estímulo para que o sujeito realize determinada prática; o negativo em que não há nenhum interesse em apoiar o sujeito nas realizações de algum elemento e o nulo onde não há nenhum contato referente ao sujeito e aos aspectos a serem apoiados.

De acordo com as respostas obtidas, não há como precisar qual é a tipologia de apoio socioafetivo conseguido por 64% (n=16) das torcedoras é negativo ou nulo. Entretanto, é possível constatar a presença do apoio socioafetivo positivo em apenas 36% (n=9) torcedoras, as quais afirmaram receber algum tipo de incentivo para ir aos estádios. Já concernente aos torcedores, constatamos um quadro oposto, no qual 72% (n=18) torcedores afirmam receber algum incentivo para dirigir-se aos estádios – apoio positivo – enquanto 28% (n=7) afirma não ser incentivado a ir aos estádios: o apoio negativo ou nulo.

5.7.5 Código Hostilidade ecoada nos estádios

O modo comportamental agressivo é vigente no âmbito esportivo, se revelando com frequência em diversas facetas e razões: dentro ou fora dos estádios, com torcedores, atletas, arbitragem ou comissões. (SIVARAJASINGAM *et al.*, 2005). A agressividade pode existir por uma multiplicidade de fatores comportamentais, emocionais, e fisiológicos. Já a hostilidade, representa um componente da agressividade, envolve estados de má vontade, percepção de injustiça e desmerecimento. (CUNHA e GONÇALVES, 2013).

Apesar do nível de fanatismo do torcedor pelo seu time se correlacionar com posturas agressivas, a cultura futebolística de forma corriqueira, naturaliza xingamentos e também agressões verbais. Em vista disso, existem outras variáveis extrínsecas para a compleição hostil em campo tal qual nas bancadas: relevância da partida, provocações entre adversários, postura do treinador, placar e outras razões. (CORIOLANO e CONDE, 2017). No entanto, a história da sociedade é abundante em violências e hostilidades sem elo com o esporte.

Neste contexto hostil do esporte, na perspectiva de Pimenta (1997), as TO's - Torcidas Organizadas surgem como elemento importante, pois têm sua história relacionada erroneamente ao hooliganismo – sendo acusados como os principais responsáveis pela maior parte da violência ocorrida nos estádios nos arredores. Na realidade, as TO's são grupos de pessoas que organizam formas de torcida, produzem bandeiras, faixas, canções para serem harmonizados nos estádios. Na criação de torcidas organizadas, havia a concepção de que o estádio de futebol deveria ser palco para lazer, comemorações, com conduta não violenta. (PIMENTA, 1997).

Entretanto, por ser um instrumento de fiscalização às diretorias dos clubes, a violência foi/é exibida nas TO's em todo contexto histórico como um artefato de cobrança seja de empenho ou rendimento e também de imposição sobre outras TO's. Sobre essa relação de imposição, Pierre Bourdieu a define como violência simbólica, um tipo de opressão intrínseca ao indivíduo que é expressa através de discursos ou atitudes dominantes as quais:

“[...] contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a “domesticação dos domesticados”. (BOURDIEU, 1989 : 11)

Diante disso, conflitos entre torcidas organizadas e rivais, ou com a polícia, são comuns nos estádios e arredores. É válido ressaltar, que os casos de violências nos estádios também são causadas pelo torcedor definido como comum: o não filiado à organizada. (NETO, p.26 2013) À vista disso, apesar das características mencionadas não serem exclusivas ao futebol, o medo da violência a acentuação dos traços hostis – entre outras características, se configuram como um obstáculo à ida aos estádios. (FERRO e PIACENTIN; *apud* MEZACASA, 2020).

Torcedores investigados (n= 5), estabeleceram correlações entre a hostilidade e a presença de torcedoras nos estádios, consoante os discursos subsequentes:

Acho que tem menos mulheres pelos comentários desnecessários e músicas que chegam a ofender as mulheres. (Torcedor 7)

Acredito que locais com outros homens, falando palavrão, brigando e etc afastam as mulheres. Talvez elas não vejam como um ambiente ideal para frequentar. (Torcedor 16)

Não vejo masculinização em ir ao estádio, minha filha gosta de futebol e eu só não levo para todos os jogos porque tenho medo de ter uma briga, algo do tipo. (Torcedor 21)

Concernente à linguagem hostil em comentários e canções mencionadas por (n=4) torcedores, percebemos que além de palavras de baixo calão, a valorização de atitudes criminosas contra os adversários, são aspectos naturalizados. Isso se atesta em algumas canções de torcidas organizadas da Paraíba:

[...] safado leva de escopeta, eu vou te matar, sou TJB é bom tu se ligar. (Torcida Jovem do botafogo)

[...] Esse mérito é meu, a caveira se fodeu, foi parar no hospital. (Torcida Facção Jovem)

[...] levamos teu material, tuas faixas e tu não viu, aqui é só galo de briga que quebra na porrada. (Torcida Jovem do Galo)

Ribeiro (2001) salienta que a linguagem do futebol deve ser considerada como diferenciada, já que se for analisada de acordo com as normas da língua portuguesa padrão, tem muitas transgressões. Para Silva (2015), o estádio de futebol é produtor de linguagem, área livre de repressão vocabular cada pessoa fala o que deseja não importando quem está ao redor. Utilizando uma expressão de Leach (1984), a linguagem dos estádios é o *idioma da obscenidade*.

5.7.6 Código As mulheres machistas e a carência de sororidade feminina

É inegável que a sociedade promove a rivalidade feminina, de forma notória ou disfarçada. O que mais surpreende é o grande número de atitudes e comentários agressivos contra mulheres, expressados pelas próprias mulheres. Há uma competitividade fomentada pelo machismo sistematizado e assíduo no meio social. Essa postura de antagonismo enfraquece a luta por igualdade de gênero, e por consequência, fragiliza todas as mulheres. (BENARDES *et al.*, 2017).

As menções dos sujeitos a este conteúdo originaram o código em questão. Com 20,3% de recorrência e citado apenas entre as mulheres (n=11) torcedoras e (n=2) atletas, claramente não lidamos com um assunto de interesse masculino, apesar de estarem inter-relacionados. Evidenciamos alguns discursos:

Existe preconceito até das próprias mulheres. Se vai pro jogo sem ser produzida e com roupa folgada é sapatão, se vai arrumadinha, com uma roupa mais ligada é puta, quer macho. (Torcedora 11)

[...] pior são algumas mulheres, deixam de torcer para ficar fazendo comparações e julgamentos ais [sic] outras. (Torcedora 19)

Nas falas das entrevistadas, a carência de sororidade e empatia com as torcedoras, que expõe o machismo embutido à cultura social. Existem diversas formas e de praticar a sororidade: a tomada de decisão em respeitar o modo de viver escolhido pelas mulheres é o início, para que haja a quebra de conceitos machistas que menosprezam outras. Desejar sororidade, respeito, empatia é algo incontestável, já que para Souza (2016, p.52) “[...] nascer um ser do sexo feminino significa para a nossa sociedade ter menos direitos, menos liberdade e mais deveres do que os homens”.

Ainda nessa perspectiva, Souza (2016) cita que o incentivo à sororidade, empatia e companheirismo nas redes midiáticas/sociais é algo utópico. Isso porque a própria rede, produz ideais femininos que são inalcançáveis na prática: ignoram a individualidade feminina ao homogeneizar grupos e mulheres díspares. Para que o movimento feminista seja efetivo é preciso considerar as diferenças. Perceber com isso, que as discriminações por gênero, raça, classe social e outras, são questões a serem defendidas de forma unânime, já que mesmo com o passar dos anos, todas as discriminações persistem. Não é preciso amar todas as mulheres, mas deixar de odiá-las por serem. (SOUZA, 2016).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ser mulher jogadora ou torcedora de futebol no Brasil é um ato de resistência. A presença feminina nos desportos sempre foi carregada de obstáculos durante toda a história. O futebol evidencia relações sociais de poder atribuídos aos sexos, que limitam e discriminam a participação feminina. Além da intolerância, o preconceito e o sexismo se configuram como razões da minoria feminina inserida no âmbito esportivo. Com a finalidade de analisar a presença de estereótipos sexistas entre torcedores e atletas de futebol paraibanos, buscamos compreender aspectos socioeconômicos culturais, questões relacionadas ao gênero e estratificação sociais existentes nesse público. Assim, foi possível identificar esses estereótipos e compreender possíveis razões que fomentam esse quadro excludente e sexista.

Através da identificação dos perfis dos sujeitos da pesquisa, foi possível reconhecer o universo da pesquisa. Analisamos as variáveis: idade, local de nascimento, renda, identidade de gênero e grau de escolaridade para os dois públicos investigados, além do tempo de atuação no futebol profissional e apoio financeiro de patrocinador. Nesta, as mulheres – atletas ou torcedoras apresentaram médias de idade e rendas mensais menores que os homens, apesar de possuírem maior grau de escolaridade que estes. As jogadoras afirmaram possuir menos apoio de patrocinadores, recursos (materiais, estruturais, de apoio profissional) e tempo de atuação no futebol profissional.

Sobre a identidade de gênero, todos os homens se declararam heterossexuais, enquanto entre torcedoras e jogadoras existem três bissexuais e duas homossexuais. No que se refere ao local de nascimento, todos os torcedores são paraibanos de cidades de todas as mesorregiões. Entre os atletas, identificamos sete estados de nascimento, dos quais, sete jogadores também eram paraibanos.

Através dos relatos, identificamos a presença da masculinização às praticantes e torcedoras de futebol na Paraíba apenas por jogar ou gostar de futebol. Na qual, gestos, vestes, trejeitos e posturas de jogo são relacionadas à falta de feminilidade, evidenciando a atemporalidade do sexismo que está intrínseco ao futebol. Foi constatado que a cultura machista ainda persiste no estado, existem muitos julgamentos e paradigmas sociais que consideram a presença feminina em jogos como uma condição atípica, anormal.

Percebemos uma série de estereotipagens, julgamentos entre outros aspectos do jogar feminino. O preconceito entre sexos foi mencionado por todos os sujeitos investigados, que relataram acreditar no preconceito dos homens para/com as jogadoras/torcedoras. Assim como a maioria acredita que há preconceito entre mulheres. Nesta pesquisa, o sexo masculino foi considerado como o mais preconceituoso. Foi notório em alguns discursos, o uso de terminologias machistas como *mulher-macho* e *sapatão*, tanto por homens, como mulheres. Neste estudo, esse linguajar chulo demonstrou independência de homossexualidade, possuía relação entre as mulheres e algumas posturas, roupas e gestos considerados masculinos pela sociedade.

Concernente ao apoio socioafetivo para a prática do futebol, mais da metade das jogadoras afirmaram não receber esse apoio, situação oposta entre os jogadores. Quanto aos enfrentamentos, tanto o financeiro como o social foi mencionado por ambos os sexos. Nas narrativas, os enfrentamentos sociais foram mais evidenciados pelas mulheres. Outrossim, no que se refere à torcida, pudemos constatar que apesar da pouca expressão nacional do futebol paraibano, havia muito amor e orgulho em torcer para os times locais. Além de outros fatores como interferências familiares e identificação com os clubes e suas histórias.

Referente à ida aos estádios, a superioridade numérica masculina foi notória. As torcedoras que não frequentam estádios mencionaram razões como a falta de companhia, falta de segurança, e hostilidade do ambiente. Essas razões podem estar correlacionadas às atitudes machistas, já que os aspectos: insegurança, necessidade de companhia e hostilidade foram citadas apenas pelas mulheres. O sexismo na torcida se expressa através de piadas machistas, ofensas, discussões, assédios, entre outros aspectos hostis que transmitem a sensação de insegurança.

Constatamos que há discriminação por gostar ou acompanhar futebol entre os torcedores de ambos os sexos. Contudo, apenas as torcedoras relataram passar por algum tipo de preconceito pela mesma razão mencionada anteriormente. Além de apoio socioafetivo, faltam incentivos para que haja participação feminina no futebol – como torcedora, jogadora, árbitra, comentarista, técnica – e sobra omissão dos clubes e mídia paraibanos.

Para um posterior estudo ou aprofundamento, essa pesquisa torna-se relevante quando se remete a importância de discutir sobre temáticas de gênero e esporte, bem como na relação entre masculinização e futebol feminino. Além disso,

os quesitos principais do estudo que relatam as perspectivas de atletas e torcedores, podem se tornar instrumento de derivadas pesquisas e análises.

Portanto, constata-se a presença de atitudes sexistas no futebol paraibano nas torcidas e atletas. Apesar dessa herança sociocultural geradora de preconceito além da discriminação, acreditamos que a prática esportiva feminina vem se tornando cada vez mais popular e seu preconceito será superado neste país. A mulher atleta/ torcedora é símbolo da mulher moderna: aquela que supera discriminações diariamente, busca romper com paradigmas, antigos padrões e papéis sociais impostos. Esta é uma luta constante dos campos, arquibancadas e da vida.

7. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, T.; LOMÔNACO, J. F. B. **O conceito de amor: um estudo exploratório com participantes brasileiros**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

ALVES, N. G; GARCIA, R. L. Futebol: paixão e política. In: CARRANO, P. C. (Org.). **Bate-bola inicial**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

ARANTES, C. C. **Estudos sobre o “futebol de várzea”**: Breves reflexões a partir do caso de Campinas. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Treinamento em Esportes) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003.

BATISTA, R.; DEVIDE, F. **Mulheres, futebol e gênero: reflexões sobre a participação feminina numa área de reserva masculina**. EFDeportes.com, Buenos Aires, v. 14, n 137, 2009. Disponível em: Acesso em: 20 jan. 2022.

BAUER, M. A. L.; CARRION, R. S. M. Conflitos na gestão social do território: uma análise a partir da organização dos ilhéus em Porto Alegre. **Cad EBAPE.BR**, v. 14, n. 3, p. 821-835, 2016.

BENARDES, C. R. O. et al. **O que é Sororidade e por que precisamos falar sobre?** In Carta Capital, jun. 2016. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/sororidade-a-verdadeira-revolucao-feminina/> Acesso em: 04 dez. 2021.

BORDO, S. “O corpo e a reprodução da feminidade: uma reapropiação feminista de Foucault” In: JAGGAR, A.; BORDO, S. **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

BRANT, C. M. C. Gestão social e políticas públicas: uma questão ainda em debate no século XXI. In: JUNQUEIRA, L. A. P. et al. (Org.). **Gestão social: mobilizações e conexões**. São Paulo. LCTE, 2013.

BRASIL. Constituição Federativa do Brasil. Brasília, DF: **DOU**, 1988.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei 8.069/90, de 13 de julho de 1990. **Diário Oficial da União**, 1990.

BRASIL. Lei nº 6.251, de 8 de outubro de 1975. Institui normas gerais sobre desportos, e dá outras providências. **DOU** - Seção 1 - 9/10/1975. Brasília, 1975.

BRASIL. Lei nº 8.672, de 6 de Julho de 1993. Lei Zico. Institui normas gerais sobre desportos e dá outras providências. **DOU** - Seção 1 - 7/7/1993. Brasília, 1993.

BRASIL. Lei nº 12.395, de 16 de março de 2011. Altera as Leis nos 9.615, de 24 de março de 1998, que institui normas gerais sobre desporto, e 10.891, de 9 de julho de 2004, que institui a Bolsa-Atleta; cria os Programas Atleta Pódio e Cidade Esportiva; revoga a Lei nº 6.354, de 2 de setembro de 1976; e dá outras providências. **DOU**, 2011.

BRILHANTE L. C.; TORRECILLAS A.C.P.; **Evolução da sociedade em face dos avanços tecnológicos e sua simbiose com a personalidade humana**. v.7, n.3, 2021.

CAMARGO, W.X. O armário da sexualidade no mundo esportivo. **Rev. Estud. Fem.** vol.26 no.1 Florianópolis Fev. , **2018**

CAMPOS, F. R. G. Ligas municipais e copa dos rios de seleções: integração do espaço Amazonense através da Centralidade Subterrânea. **Revista Ra'e Ga**, Curitiba, v. 35, 2015.

CANÇADO, A. C. **Fundamentos teóricos da gestão social**. 2011. 314f. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2011.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

COIMBRA, N. R. **Diferenças no universo futebolístico: a visão de quem torce**. Universidade Estadual Paulista, 2022.

CORAT, P.B. **O esporte, a torcida e o amor: O brandlove de brasileiros a seus times**. 2016

CORIOLOANO, A.; CONDE, E. **Fanatismo e agressividade em torcedores de futebol**. Revista Brasileira de Psicologia do Esporte. N 6. Vol10., 2017.

COUTO, A.A.G. **Cronistas esportivos em campo: letras, imprensa e cultura no jornal dos sports (190-1958)**. Tese (Doutorado em Historia) – Setor de ciências Humanas da Universidade Federa do Paraná. 2016.

CRUZ, A. R. **Futebol brasileiro: um caminho para a inclusão social**. São Paulo: Editora Esfera, 2003.

CUNHA, O.; GONÇALVES, R. A. **Análise confirmatória fatorial de uma versão portuguesa do Questionário de Agressividade de Buss-Perry**, 2013.

DAMATTA, R. **A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre o futebol**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

DAMATTA, R. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro In: DAMATTA, R. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982.

DAMO, A. S. **Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. 435f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DAMO, A.S. Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: **Hucitec: Anpocs**, 2007

- DAOLIO, J. **Futebol, cultura e sociedade-1ªED.** editora: Autores Associados, 2005
- ECOTEN, M. C. F.; CORSETTI, B. **A mulher no espaço do futebol:** um estudo a partir de memórias de mulheres, Fazendo Gênero 9 Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 2010.
- ESPARTEL, L. B.; MULLER NETO, H. F.; POMPIANI, A. E. M. "Amar é ser fiel a quem nos trai": a relação do torcedor com seu time de futebol. **Organ. Soc.**, Salvador, v. 16, n. 48, p. 59-80, Mar. 2009.
- ESPÍNDOLA, T. G. **Panorama no futebol: transformações, mercado, gestão e marketing.** 2015. 61 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2015.
- FERNANDES, C. M. **Jogadeira**, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GUqh-phwUk>; Acesso em: 12/10/2021
- FERRO, L. F. R.; PIACENTIN, A. I. **Elitização, exclusão e violência nos estádios.** In: MEZACASA, Douglas Santos (org.). **A (não) efetividade das ciências jurídicas no Brasil**, Atena Editora, 2020.
- GOMES, D. **Por que os homens odeiam o futebol feminino?**, Disponível em: 51 <https://colunamista.com.br/por-que-os-homens-odeiam-o-futebol-feminino/>. Acesso em: 6 jan. 2022.
- GOMES, V. L. O. A construção do feminino e do masculino no processo de cuidar crianças em pré-escola. **Texto Contexto Enfermagem**. Florianópolis, v.15 n. 1, p. 35-42, 2006.
- FIORIN, J. L. **Tendências da análise do discurso.** Estudos Linguísticos, v.19,p.173-9,1990
- FOUCAULT, M. **A história da sexualidade I: a vontade de saber.** São Paulo: Graal, 2006.
- FRAGOSO, A. Contributos para o debate teórico sobre o desenvolvimento local: um ensaio baseado em experiências investigativas. **Revista Lusófona de Educação**, Lisboa, v. 5, n. 5, p. 63-83, 2005.
- FRANZINI, F. **Futebol é "coisa para macho"?** Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.
- Freitas, O. C. R. **A feminização da educação e ocupação dos espaços de poder na escola:** a força do discurso sexista e a atuação da mulher na gestão escolar. Seminário Internacional Fazendo Gênero(Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017.
- GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra.** Porto Alegre: LP&M Pocket, 2013,

GALLATTI, L.R. **Esporte e clube sócio esportivo: percurso contextos e perspectivas a partir de estudo de caso em clube esportivo espanhol.** Tese (Doutorado em educação física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

GASTALDO, E. **“O complô da torcida”:** futebol e performance masculina em bares. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v.11, n. 24, p.107-123, jul./Dez, 2015

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994

GIL, A. C. **Método e técnicas de pesquisa social.** 6ª ed. São Paulo: Atlas S.A, 2008.

GOELLNER, S.V. **A educação física e a construção de imagens de feminilidade no Brasil dos anos 30 e 40.** Revista Movimento. Ano VII - Nº 13 – 2000.

GOELLNER, S. **Bela, maternal e feminina:** imagens da mulher na Revista Educação Physica. Ijuí: Unijuí, 2003.

GOELLNER, S. V. **A contribuição dos estudos de gênero e feministas para o campo acadêmico-profissional da educação física.** In: DORNELLES, P. G.; WENETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V.(Org). Educação física e gênero: desafios educacionais. Ijuí, Unijuí, 2013.

GOELLNER, S. V. **A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade.** Porto Alegre: Cadernos de Formação RBCE, p. 71- 83, mar. 2010

GOERG, M. **Futebol na várzea: Uma investigação sobre os valores presentes no cotidiano da prática.** Porto Alegre - RS, 2010. 25 f. Monografia (Bacharel em Educação Física). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS, 2010.

GOMES, M. A.. **Filhos de ninguém? Um estudo das representações sociais sobre família de adolescentes em situação de rua.** 124 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Saúde da Criança e do Adolescente).- Centro Ciências da Saúde, Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2003

GOMES, M. A.; PEREIRA, M. L. D. Família em situação de vulnerabilidade social: uma questão de políticas públicas. **Ciênc Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro , v. 10, n. 2, p. 357-363, abr. 2005.

GONÇALVES, J. A. M.; ANDRADE, G. T.; PORTUGAL, L. S. Fatores intervenientes na relação entre a inclusão social e o trem considerando as favelas e as taxas de embarque observadas nas estações. **J Transp. Lit.**, Manaus, v. 8, n. 3, p. 37-61, jul. 2014.

GOULART, B. D. **Estudo de um grupo de liderança comunitária: abordagem sociométrica**. 2006, 184 f Tese (Doutorado em Psicologia) - Psicologia como Ciência e profissão. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, 2006.

GROSSI, Miriam P. “**Gênero, Sexualidade e Reprodução: a constituição dos estudos sobre gênero, sexualidade e reprodução no Brasil**”. In: MARTINS, Carlos B. e DUARTE, Luiz Fernando. Horizonte das Ciências Sociais no Brasil: antropologia. São Paulo: ANPOCS, 2010. p. 293-340. 2010

HEERE, B.; JAMES, J. **Sports Teams and Their Communities: Examining the Influence of External Group Identities on Team Identity**. Journal of Sport Management, n. 21, p. 319-337, 2007. Disponível em: <http://journals.humankinetics.com/AcuCustom/Sitename/Documents/DocumentItem/9168.pdf>. Acesso em: 03 jun 2022.

JAKUBASKO, D. **Quebrando estereótipos e rompendo preconceitos na sala de aula**. Revista espaço acadêmico n 168, mar. 2015.

KANESIRO, M. H., **Mídia e futebol feminino: indiferença e distorções**. 2009. 52 f. Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Educação Física) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2009.

LEITÃO, M. N. C. Escala de Detecção de Sexismo em Adolescentes: tradução e validação para o contexto português. **Revista de Enfermagem Referência**, vol. V, núm. 1, Jan-Mar, 2020.

LEITE D.P.P, **Quem manda no futebol da Paraíba? Elites políticas e estado novo (1941 – 1947), pós graduação em história**, Universidade Federal da Paraíba, 155 f. 2017.

LEITE, V. Sexualidad, Salud y Sociedad. **Revista latino americana**, ISSN 1984-6487 / n. 32 – ago. 2019.

LEVER, J. **A loucura do futebol**. Rio de Janeiro: Record, 1983.

LIPPMANN, W. **Opinião pública**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2010

LOPES, R. E. L.; PIMENTA, I. S. Mulheres no futebol: transitividade e avaliatividade na identificação de padrões sexistas, **Revista Humanidades e Inovação** v.4, n. 6, 2017.

LOUREIRO, T. **Falta de profissionalismo é empecilho para a afirmação do futebol feminino no estado**. João Pessoa: GloboEsporte.com. (24 de março de 2018). Consultado em 9 de outubro de 2021.

LUZZI, L. Pesquisa revela que Corinthians tem torcida de maioria feminina. **Comunicare esporte**, p. 1, 10 nov. 2020.

MAISTRO, Suelen. **O que é sororidade x rivalidade feminina**. 22 fev. 2016. Disponível em: <http://maepop.com.br/o-que-e-sororidade-x-rivalidade-feminina/> acesso em 15 mai. 2022.

MARQUES, M. O. **Futebol: perspectiva de inclusão e ascensão social**. Uberaba, 2008.

MARTINDALE, R.J.J.; COLLINS, D.; WANG, J., McNEIL, M., SONK LEE, K., SPROULE, J.; WESTBURY, T. Development of the Talent Development Environment Questionnaire (TDEQ) for Sports. **Journal of Sports Sciences**, 28(11), 1209–1221, 2010.

Milton Nascimento. **Aqui é o país do futebol**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bzl-hflwfC0>>, <01/01/1970>. Acesso em: 09/06/2022.

MISKOLCI, Richard. **A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normatização**. Sociologias, Porto Alegre, ano 11, n° 21, jan./jun. 2009

MORAIS, Y. O Que é o Sororidade?. **QG Feminista**, 2019. Acesso em: 10 dez. 2021.

MOREIRA, Flávio Fernandes. Futebol dos peixes – grande sensação (1978). **Jangada Brasil**. Ano VIII, n. 93, 2006, edição especial sobre Literatura de Cordel. Acesso em: 11 Jun. 2022

MOREIRA, J. C. C. **As interfaces da Educação Física e Artística com a psicomotricidade, o estudo das inteligências múltiplas e o desenvolvimento das competências requeridas: contribuições à educação inclusiva**. Monografia (Graduação em Educação Física) - Ribeirão Preto: Centro Universitário Moura Lacerda, 2003.

NETO, E.A.O.; **Violência no Futebol e Torcidas Organizadas: Um estudo em representações sociais**. Monografia, Universidade de Brasília, 2013

NETO, V.Q., literatura de cordel **O futebol no sertão**. Santa Helena-PB, 2010.

OLIVEIRA, V. A. **Periguetes, sapatões e mulherzinhas: (des) construindo o que é “ser mulher” no campo de futebol**. Dissertação Universidade Federal de Goiás, 2014.

OLIVEIRA, S.M. **A influência do treinamento de taekwondo, karatê, jiu-jitsu e sanda no desenvolvimento de capacidades motoras dos alunos do projeto de extensão venha lutar**, 2018.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio no movimento dos sentidos**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, M. Apresentação da AAD. In: GADET, F.; HAK,H. **Por uma análise automática do discurso** (Uma introdução à obra de Michel Pêcheux). Campinas: Pontes, 1990.

PEREIRA, Mauro Cezar. **Os times do exterior, o twitter e a falta que uma arquibancada faz na vida de tanta gente**. Blogs ESPN Brasil, São Paulo, mar. 2014.

PEREIRA, Mauro Cezar. **Futebol no estádio nem sempre é para ver. Futebol no estádio é para sentir.** Blogs ESPN Brasil, São Paulo, abr. 2014.

PEREIRA, Mauro Cezar. **Torcer por time de outro Estado é um direito, mas não o ideal.** Blogs ESPN Brasil, São Paulo, mar. 2011.

PIMENTA, C. A. M. **Torcidas Organizadas de Futebol: Violência e auto-afirmação.** Taubaté/RJ, Ed. Vogal. 1997

PIMENTA, R. D. **Desvendando o Jogo: O futebol amador e a pelada na cidade e no sertão.** Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Tese (Doutorado em sociologia) - Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, 2009.

Prá, J. R., & Cegatti, A. C. **Gênero, educação das mulheres e feminização do magistério no ensino básico.** Retratos Da Escola, 10(18), 2016.

RAFIH, Y. S. E. **O patrocínio nas camisas de futebol no Brasil** “ A revolução nos cofres dos clubes brasileiros” Fundação Educacional do Município de Assis – FEMA -- Assis, 2015.

REIS, F. B.; CICONELLI, R. M.; FALOPPA, F. **Pesquisa científica: a importância da metodologia.** 2002.

RIBEIRO, Simone N. **A Linguagem do Futebol no Brasil e em Portugal.** Nº 21. 2001.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.

RODRIGUES, M.P. **Ambiente do desenvolvimento esportivo no atletismo: uma análise a partir do talento e do gestor.** (Dissertação), Universidade Federal do Paraná - Curitiba, 2019.

ROMERO, Elaine. (Org.). **Corpo, mulher e sociedade.** Campinas: Papyrus, 1995.

ROSENFELD, A. **Negro, macumba e futebol.** São Paulo: Perspectiva, 2013.

ROVERI, F.; SOARES, C. L. Meninas! Sejam educadas por Barbie e com a Barbie. **Educar em Revista**, v. 41, p. 147-163, 2011.

RUBIO, K. Imaginação e criação de estados mentais: **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, vol 2, n. 1, 2018

SÁ F,C, de; **análise da interação do torcedor do botafogo da paraíba através das mídias sociais do clube**, Centro Universitário de João Pessoa – UNIPÊ, João Pessoa, 2019.

SANTOS B.G.; ROSADA S. de C. **A importancia da valorização do futsal feminino** rede de ensino doctum curso de educação física - Bacharel Unidade Serra, 2021

SIDNEY S.B. **Campeões do futebol**. Disponível em; https://www.campeoesdofutebol.com.br/historia_futebol_paraibano.html , 2017

SILVA, A. L. **Ao som dos “palavrões e nomes feios”**: A inserção das crianças no universo do futebol amador em Catingueira – PB. **Esporte e Sociedade**. Niterói, n. 25, 2015.

SILVA, C. F., Menegotto, F. M., Carmona, E. K., & Mazo, J. Z. **As mulheres na torcida jovem do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense**. Revista Brasileira de Futsal e Futebol, 8(29), 2016.

SILVA, F. S. et al . Futebol libertário: compromisso social na medida. **Psicol Ciênc Prof**, Brasília , v. 28, n. 4, p. 832-845, 2008.

SILVA, R. M. S.; SILVA, M. R. S. **Traços e configurações do discurso da vulnerabilidade social no Brasil**: modos de ser e gerenciar uma parcela da população. **Educ Rev**, Belo Horizonte , v. 31, n. 1, p. 383-402, 2015.

SIVARAJASINGAM, V., MOORE, S., & SHEPHERD, J. P. **Winning, losing, and violence**. Injury Prevention, 11(2), 69-70, 2005.

SOARES, V.P.; MONTEIRO, S.S.; **Formação de professores/as em gênero e sexualidade**: possibilidades e desafios. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, v. 35, n. 73, p. 287-305, jan./fev. 2019.

SOUZA, B. **Vamos juntas? O guia da sororidade para todas**. 1a Ed. Rio de Janeiro: Galera Record, 2016.

TEIXEIRA, F. L. S.; CAMINHA, I. O. **Preconceito no futebol feminino brasileiro**: uma revisão sistemática Movimento, vol. 19, núm. 1, enero-marzo, p. 265-287 Escola de Educação Física Rio Grande do Sul, Brasil. 2013

TEIXEIRA, M. L. C. **Futebol, questões de gênero e desigualdade salarial**: uma análise descritiva para o Brasil. 2019. 35 f. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, 2019.

TENÓRIO, F. G. (Re) visitando o conceito de gestão social. **Desenvolvimento em Questão**. Rio Grande do Sul: Unijuí, ano 3, n. 5, p.: 101-124. 2005.

TOLEDO, L. H. Torcer: a metafísica do homem comum. **Revista de História**, São Paulo, n. 163, jul./dez, 2010.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VALENTIM, C. **Campeonato Paraibano Feminino 2019**. Planeta Futebol Feminino. www.campeoesdofutebol.com.br. Consultado em 11 de Junho, 2022

WILPERT, R. A. **O futebol como agente de inclusão e interação social**: um estudo de caso sobre as escolinhas de futebol de Florianópolis – SC. 2005. Dissertação (Pós-Graduação em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

CURSO DE BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(Elaborado de acordo com a Resolução 466/2012- CNS/CONEP)

Prezado (a), você está sendo convidado (a) a participar desta pesquisa intitulada **“SEXISMO EM CAMPO E NA ARQUIBANCADA: VIVÊNCIAS DE ATLETAS E TORCEDORES DA PARAÍBA”**. Esta pesquisa está sendo desenvolvida pelo Professor Dr. Luciano Flavio da Silva Leonidio e pela discente Maria Eduarda Bezerra Lacerda, que exerce o papel de pesquisadora e autora da pesquisa; ambos pertencentes ao Departamento de Educação Física DEF-UFPB. Sua colaboração é muito importante.

O objetivo do estudo é compreender a presença de estereótipos sexistas nas torcidas e nos times de futebol paraibanos. A finalidade deste trabalho é analisar os aspectos socioeconômicos culturais dos sujeitos da pesquisa, bem como defrontar perspectivas de gênero entre atletas e torcedores (as). Além disso, comparar as tipologias de preconceitos raciais, de gênero e de extrato social existentes em campo e na arquibancada e discutir sobre a influência dos fatores sociais externos no cotidiano das atletas e torcedoras do futebol paraibano.

Solicitamos a sua colaboração para responder ao roteiro, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC – Monografia). Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde. Entendemos que o roteiro proposto nesta pesquisa oferece riscos considerados mínimos à saúde e a integridade física e moral dos sujeitos investigados, e serão informados de que não sofrerão danos com a pesquisa e que os benefícios adquiridos com esta pesquisa serão esclarecidos a

população estudada. Onde as coletas dos dados, serão realizadas em ambiente salubre.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária, gratuita e seu anonimato estará garantido. Portanto, você não é obrigado (a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela Pesquisadora. **Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação nas atividades** que vem realizando na Instituição. O aluno pesquisador estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para:

Professor orientador: Dr. Luciano Flávio da Silva Leonidio

Telefone:(81) 99506-8759

Aluna pesquisadora: Maria Eduarda Bezerra Lacerda

Telefone:(83) 98733-3723

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar – CEP 58051-900– João Pessoa /PB;(83)3216-7791 –E-mail:comitedeetica@ccs.ufpb.br

Departamento de Educação Física – DEF.

Cidade Universitária, CEP 58.059.900, João Pessoa, Paraíba, Brasil.

Telefone:(83)3216-7030.

APÊNDICE II – QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AOS ATLETAS

ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO COM ATLETAS

Nome: _____

I Categoria *Socioeconômica e Cultural*

1. Idade: _____. (anos) Sexo: () F () M
 2. Com qual idade você começou a jogar futebol amador? _____(anos)
 3. Há quantos anos joga Futebol em um clube profissional? _____ (anos)
 4. Há quanto tempo atua nesta equipe? _____ (anos)
 5. Qual é o seu estado e a sua cidade de nascimento? _____
 6. Quanto você recebe mensalmente como jogador(a)? _____ (R\$).
 7. Você recebe apoio (financeiro/serviços/produtos) de algum patrocinador? Caso positivo, como/ quanto?
-

II Categoria – *O local de treino*

1. Quais são as condições estruturais do atual campo de treino?
 - () com gramado natural em condições adequadas
 - () com gramado natural em condições inadequadas
 - () com gramado sintético em condições adequadas
 - () com gramado sintético em condições inadequadas
 - () Sem qualquer tipo de grama (poeirão)

2. Quais são as condições estruturais do atual Centro de treinamento?
 - () banheiros femininos com vestiário adequado
 - () banheiros masculinos com vestiário adequado
 - () Bebedouros funcionando e com manutenção periodizada
 - () Espaço adequado para recuperação e outras formas de treino fora de campo
 - () Equipe multiprofissional completa, disponibilizada de forma gratuita - médico, fisioterapeuta, nutricionista, psicólogo, profissional de educação física.

3. Como se estabelece as Frequências dos treinos?
 - () 1x /semana () 2x /semana () 3x /semana () 4x /semana () 5x ou Mais/ semana

4. Qual a duração média de um Treino?

() 1h () 2h () 3h () 4h () 5h ou Mais

5. Quais os materiais do seu treino? (Assinale apenas os itens em boas condições e em quantidade suficiente)

() bolas () estaca e/ou escadas de agilidade () redes

() cones () barreiras de salto () Manequim barreira

6. Há equipe multidisciplinar disponível de forma gratuita? Assinale apenas se houver pelo menos um profissional de cada citado: Fisioterapeuta, médico, psicólogo, educador físico e nutricionista. ()SIM ()NÃO

III Categoria *Futebol para todos (as)*?

1. Qual a sua Identidade de Gênero? (Cis, homo, bissexual, Transexual) _____.

2. Sua identidade sexual é vista de forma discriminada na sua equipe?

() sim () não Se positivo, como? _____

3. De alguma forma você se sente discriminada (o) por praticar Futebol?

() Sim () Não Se positivo, como? _____

4. Você concorda com a masculinização atribuída às mulheres praticantes de futebol? () Sim () Não Porque? _____

5. Sobre essa masculinização que você percebeu, como e por quê ela acontece?

6. Você acredita que existe preconceito de homens praticantes ou não de futebol para/com jogadoras ou torcedoras? () Sim () Não

Se sim, como e por quê?

jogadoras: _____

torcedoras: _____

7. Você acredita que existe preconceito de mulheres praticantes ou não de futebol para/com jogadoras ou torcedoras? () Sim () Não

Se positivo, como e por quê?

jogadoras: _____

torcedoras: _____

8. Para você, qual gênero é o mais preconceituoso quando o assunto é a prática de futebol por mulheres?

() Masculino () Feminino

IV Categoria *Fatores sociais e afetivos*

1. Recebe o apoio afetivo na prática do Futebol?

() Sim () Não

Se positivo, de quem?

() Família

() Amizades

() Relacionamentos afetivos

() Torcedores

() Outros. Quais? _____

2. Como sua família reagiu quando soube que você iria praticar o futebol?

_____.

3. Recebe/recebeu algum incentivo financeiro da família para a prática do futebol?

() Sim () Não

4. Sofreu algum tipo de dificuldade social discriminatória ao escolher praticar o futebol? Se positivo, como?

5. Sofreu alguma dificuldade financeira/ falta de apoio na prática do esporte? Se positivo, de que forma?

APÊNDICE III – QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AOS TORCEDORES

ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO COM TORCEDORES/AS

Nome: _____ Idade: _____ anos

I Categoria Socioeconômica cultural

1. Qual é a sua identidade sexual (hetero, homo, bi)? _____

2. Qual é o seu grau de formação escolar?

- () ensino fundamental () ensino médio
() ensino superior completo () Pós graduação

3. Qual é a sua renda mensal? _____ R\$

4. Você é Paraibano (a)? Caso seja, qual a sua cidade de nascimento?

5. Onde você mora? (bairro e cidade) _____

6. Qual é o seu estado civil?

- () Solteiro/a () Namora () Casado/a () Divorciado/a () viúvo/a

II Categoria “ meu time do coração ”

1. Para qual time você torce? _____

2. Por que você torce para esse time?

3. Há quanto tempo torce por esta equipe? _____ (anos)

4. Você sofreu algum tipo de influência de parentes, amigos ou relacionamentos na escolha do seu time de coração? () sim () Não

5. Você é sócio/a torcedor/a? ()sim () Não. Por que? _____

6. Você é assinante de algum canal de transmissão de jogos, apenas para acompanhar as partidas de seu clube? () Sim () Não

7. Você faz parte de alguma torcida organizada? () Sim () Não

III Categoria “Fatores sociais e afetivos”

1. Alguém te incentiva a ir aos estádios?

() Sim () Não

Se sim, de quem?

() Família () Amizades () Relacionamentos afetivos

2. Você costuma assistir aos jogos do seu time nos estádios?

() Sim () Não

Caso não

a) quais motivos levam a não ir aos estádios?

() Prefiro acompanhar de casa

() Falta de dinheiro

() Falta de companhia

() Não me sinto seguro/a

() Não me sinto bem

() Sou julgado/a

() Falta de estrutura adequada

() Medo de assédio

() considero um ambiente hostil

() Outros: _____

Caso assista

a) você costuma viajar para outros locais, quais?

() Não, vou apenas para estádios do meu município

() Cidades de toda Paraíba

() Estados do Nordeste

() Estados de todo o país

b) Geralmente, com quem você vai para os estádios?

c) Você costuma ir sozinho/a aos estádios? Por que?

3. De alguma forma você se sente discriminada/o por gostar, acompanhar, comentar sobre futebol?

() Sim () Não. Se positivo, como? _____

4. Você já sofreu algum tipo de preconceito ao comentar sobre futebol?

() Sim () Não

5. Você concorda com a masculinização/ sexualização atribuída às mulheres praticantes/ torcedoras de futebol? () Sim () Não. Porque?

6. Sobre essa masculinização/sexualização que você percebeu, como/ por que ela acontece?

7. Você acredita que existe preconceito de homens praticantes ou não de futebol para/com jogadoras ou torcedoras? () Sim () Não

Se sim, como e por quê?

jogadoras: _____

torcedoras: _____

8. Você acredita que existe preconceito de mulheres praticantes ou não de futebol para/com jogadoras ou torcedoras? () Sim () Não

Se sim, como e por quê?

jogadoras: _____

torcedoras: _____

9. Para você, qual sexo é o mais preconceituoso quando o assunto é a prática de futebol por mulheres?

() Feminino () Masculino

10. Como o círculo de pessoas mais próximas (familiares, amigos/as, companheiros/as) reage quando você fala ou expressa emoções sobre o seu time?

ANEXOS

ANEXO I - CERTIDÃO DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

CERTIDÃO

Certifico que o Departamento de Educação Física, do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba, aprovou o parecer do **Prof. Dr. Ytalo Mota Soares**, relator favorável à aprovação do Projeto de Pesquisa para desenvolvimento de trabalho de conclusão de curso (TCC) Intitulado (**SEXISMO EM CAMPO E NA ARQUIBANCADA: VIVÊNCIA DE ATLETAS E TORCEDORES.**) da aluna **Maria Eduarda Bezerra Lacerda** orientado (a) pelo (a) **Prof. Dr. Luciano Flavio da Silva Leonídio** (Processo DEF nº 01/2022). É verdade. Dou fé. Eu **Marcilio de Carvalho Alcântara**, Secretário do Departamento de Educação Física do Centro de Ciências da Saúde, lavrei a presente CERTIDÃO. João Pessoa, 12 de abril de 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Marcilio de Carvalho Alcântara
Prof. Dr. Marcilio de Carvalho Alcântara
32498 - 1199041
Vice-Chefe de Departamento

ANEXO II – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UFPB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: SEXISMO EM CAMPO E NA ARQUIBANCADA: VIVÊNCIAS DE ATLETAS E TORCEDORES/AS DA PARAÍBA

Pesquisador: LUCIANO FLAVIO DA SILVA LEONIDIO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 58517822.5.0000.5188

Instituição Proponente: Universidade Federal da Paraíba

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.452.392

Apresentação do Projeto:

SEXISMO EM CAMPO E NA ARQUIBANCADA: VIVÊNCIAS DE ATLETAS E TORCEDORES/AS DA PARAÍBA

O presente estudo se classifica como uma pesquisa de natureza qualitativa, com tipologia descritivo-explicativa, de recorte temporal transversal, tendo como técnica de análise dos dados a análise de discurso.

Objetivo da Pesquisa:

Analisar a presença de estereótipos sexistas nas torcidas e times de futebol paraibanos. Identificar os aspectos socioeconômicos culturais dos sujeitos da pesquisa; Compreender as questões relacionadas ao gênero entre atletas e torcedores de ambos os sexos; Descrever ocorrências de gênero e estratificação social existentes tanto em campo como na torcida.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

DE ACORDO COM OS AUTORES.

Riscos:

O processo de perguntas, não atrapalhará em nenhum aspecto, já que será estimado o tempo de 10 minutos em média para obtenção das respostas, podendo apenas gerar um leve desconforto pela exposição da tela, entretanto, ninguém será obrigado a iniciar ou permanecer respondendo.

Benefícios:

Endereço: Prédio da Reitoria da UFPB, 1º Andar

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 58.051-900

UF: PB

Município: JOAO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791

Fax: (83)3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

**CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UFPB**



Continuação do Parecer: 5.452.392

Entendimento e reflexão crítica de como se apresentam os estereótipos sexistas nas torcidas e atletas de times da série A do futebol paraibano.

PARA que dessa forma os torcedores e atletas tornem-se ambientes tolerantes e sem atitudes ou posturas sexistas.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A PESQUISA ESTA ESTRUTURADA E OS OBJETIVOS DEFINIDOS.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

OS TERMOS FORAM APRESENTADOS.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

NAO HOUVE PENDENCIAS.

Considerações Finais a critério do CEP:

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS aprovou a execução do referido projeto de pesquisa. Outrossim, informo que a autorização para posterior publicação fica condicionada à submissão do Relatório Final na Plataforma Brasil, via Notificação, para fins de apreciação e aprovação por este egrégio Comitê.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1931904.pdf	07/05/2022 13:35:00		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	tcc_envio.docx	07/05/2022 13:32:17	LUCIANO FLAVIO DA SILVA LEONIDIO	Aceito
Brochura Pesquisa	brochura.docx	07/05/2022 13:31:52	LUCIANO FLAVIO DA SILVA LEONIDIO	Aceito
Outros	COMPROMETIMENTO.pdf	07/05/2022 13:07:12	LUCIANO FLAVIO DA SILVA LEONIDIO	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.docx	07/05/2022 12:59:52	LUCIANO FLAVIO DA SILVA LEONIDIO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	TCLE.docx	07/05/2022 12:58:10	LUCIANO FLAVIO DA SILVA LEONIDIO	Aceito

Endereço: Prédio da Reitoria da UFPB, 1º Andar

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 58.051-900

UF: PB

Município: JOAO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791

Fax: (83)3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

**CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UFPB**



Continuação do Parecer: 5.452.392

Ausência	TCLE.docx	07/05/2022 12:58:10	LUCIANO FLAVIO DA SILVA LEONIDIO	Aceito
Folha de Rosto	Luciano.pdf	07/05/2022 12:53:50	LUCIANO FLAVIO DA SILVA LEONIDIO	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.docx	07/05/2022 12:53:07	LUCIANO FLAVIO DA SILVA LEONIDIO	Aceito
Outros	CERTIDAOTCC2022ME.pdf	14/04/2022 17:44:49	LUCIANO FLAVIO DA SILVA LEONIDIO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JOAO PESSOA, 07 de Junho de 2022

Assinado por:

**Eliane Marques Duarte de Sousa
(Coordenador(a))**

Endereço: Prédio da Reitoria da UFPB ç 1º Andar

Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 58.051-900

UF: PB **Município:** JOAO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** comitedeetica@ccs.ufpb.br